

# **BERNARDO DE CLARAVAL**

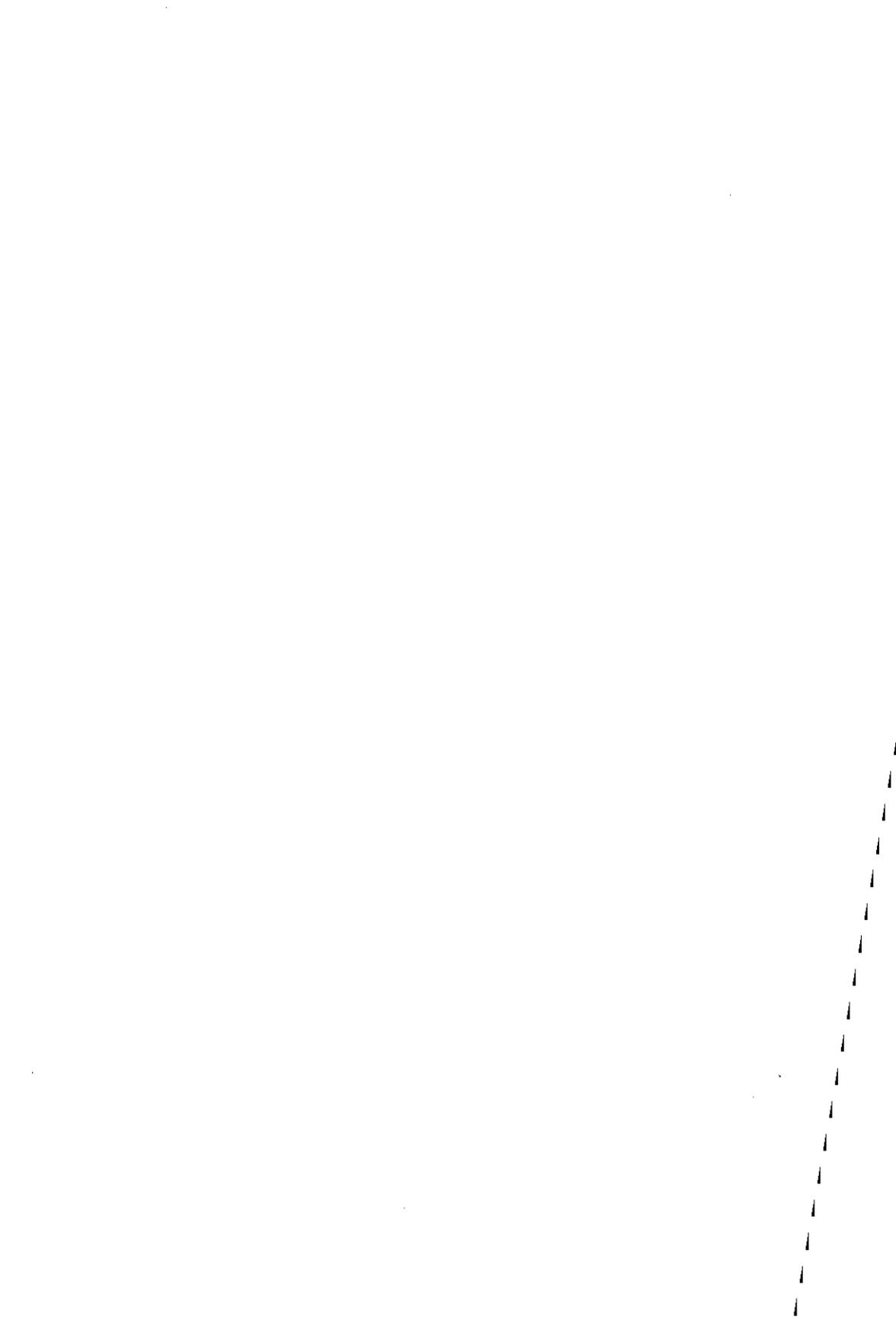
## ***APOLOGIA PARA GUILHERME, ABADE***

**Texto latino da edição crítica e tradução**

Apresentação, tradução e notas

de

**Geraldo J. A. Coelho Dias, OSB/FLUP**



## APRESENTAÇÃO

### *Espiritualidade, Comida e Arte na polêmica dos monges da Idade Média*

Celebra-se ao longo do ano de 1998, com particular impacto em França, o IX Centenário da fundação de Cister, o “Mosteiro Novo”. Com efeito, foi em 1098, na Borgonha, região de bons vinhos e terra de santos, que teve começo um movimento monástico que, pela primeira vez no Ocidente católico europeu, contestava o teor da vida monástica tradicional. Aquele movimento, saído de Cluny, talvez tivesse ficado incompleto e não passaria mesmo duma bravata espiritual se não fora a juventude, o entusiasmo e a tenacidade do nobre Bernardo de Fontaine, que ficaria conhecido como S. Bernardo de Claraval<sup>1</sup>. Com efeito, sabemos como o fundador de Cister, S. Roberto de Molesmes, acabou mesmo por voltar à disciplina e aos costumes da observância cluniacense. E, todavia, o inconformismo inicial, a semente do ideal, a insatisfação perante a vivência do monaquismo cluniacense permaneceu com os que ficaram em Cister e aguentaram o radicalismo das opções, a incompreensão das mentalidades conservadoras e a dureza rigorosa da nova disciplina. A evidência teórica da diferença entre beneditinos cluniacenses e cistercienses está precisamente neste escrito de S. Bernardo que vamos apresentar. Com a *Apologia*, dirigida a um perplexo monge cluniacense, S. Bernardo procura fazer a diferença entre as duas observâncias da Regra de S. Bento. Este é, por certo, o escrito mais polémico e, porque não dizê-lo?, mais amargo de São Bernardo, daquele santo escritor que é, com razão, qualificado pela tradição eclesiástica como “Doutor Melífluo”. O contexto monástico e as circunstâncias da redação deste opúsculo, em que o santo cisterciense parece mais destilar fel que mel, são conhecidas. A fim de se

---

<sup>1</sup> Gullielmus de Sancto Theodorico — *Vita Bernardi Claravallensis (Vita Prima)*, Liber I, Col. 251, Lin. 4: “Et primum quidem circa resuscitandum in monastico ordine antiquae religionis fervorem primitias iuventutis suae dedicavit exemplo et verbo in conventu fratrum intra septa monasterii ad hoc omni studio vacans, “PL”, 185, Col. 227-266.

poder acompanhar a sequência do pensamento de S. Bernardo, baste dizer que ele foi redigido a pedido dum monge cluniacense, Guilherme de São Teodorico (*Saint Thierry*), por ocasião das atoardas que circulavam nos mosteiros cluniacenses acerca das críticas exacerbadas que lhes fariam os cistercienses, e de que S. Bernardo era acusado como principal fautor. Nasceu, deste modo, a *Apologia*, por volta de 1124-25, quando Bernardo estava no ardor da meia-idade, contando cerca de 34 anos, tendo apenas 8 anos de abaciado, portanto um pouco depois da data em que o dito Guilherme se tornou abade (1120) do mosteiro de São Teodorico, próximo de Reims. Através das cartas de S. Bernardo, sobretudo naquelas que são dirigidas a Guilherme de S. Teodorico, parece possível descobrir algo acerca da origem desta obra, que S. Bernardo supõe lhe havia de tirar ao tempo de oração para o dar ao estudo: *Quia multum hinc mihi devotionis subtrahitur, dum studium orationis intermititur*. Com efeito, nesta carta 84 *bis* S. Bernardo revela verdadeira inquietação, fazendo referência a palavras como “*scandalum*” e “*illis qui de nobis tanquam detractoribus Cluniacensis ordinis conqueruntur*”. Estava, por certo, a aludir às acusações que os cluniacenses lançavam contra os cistercienses, pondo-lhes na boca críticas que se referiam ao seu ideal de vida e sobretudo incisivas no que tocava ao comer (Veja-se o que diz das diversas maneiras de preparar os ovos e de provar os vinhos (Apol. 20-21) e ao vestir (“*victus eorum ac vestitus*”). A carta 84 *bis* não pode considerar-se o prefácio da *Apologia*, como erradamente pensava Dom Mabillon, mas permite-nos descobrir o pedido de Guilherme de S. Teodorico, que funcionou como ponto de partida e acelerador para a redacção da *Apologia*. Depois, na carta 86, talvez porque Guilherme acusasse o toque e quisesse mudar-se para os cistercienses, Bernardo aconselha-o a que não pense em deixar o cargo de abade em que está investido para mudar de ordem. Na verdade, sabe-se que Guilherme de S. Teodorico, seduzido pela acção de S. Bernardo e entusiasmado pelo ideal de vida que ele propunha, acabou por se mudar em 1135 de cluniacense para cisterciense na abadia de Signy, nas Ardenas. Tornou-se, então, o primeiro biógrafo de S. Bernardo ainda em vida deste e morreu mesmo antes do santo doutor. Finalmente, na carta 88 a Ogério, cónego regular, S. Bernardo, de alguma maneira, consente que transcreva e até aceita que o tenha enviado a Guilherme de S. Teodorico, porque gostaria de pôr sob os seus olhos não só o “libelo”, mas até todo o seu ânimo. Este libelo

era, indubitavelmente, a *Apologia* de que estamos a falar<sup>2</sup>. Ela ecoou no mundo monástico de então como o estampido dum trovão suscitando reacções e respostas<sup>3</sup>. Parece, de facto, que, antes de a tornar pública, S. Bernardo quis sujeitar o texto da *Apologia* às críticas de Guilherme de S. Teodorico e de Ogério, cónego regente do Monte Santo Elói na diocese de Arras, pelo que os autores da edição crítica<sup>4</sup> reconhecem duas redacções, uma breve P(rimeira) e outra mais completa S(egunda), a que se prende o único texto conhecido em Alcobaça.

Esta obra é, com toda a probabilidade, um dos primeiros escritos de S. Bernardo, ainda no auge do fervor monástico, e o seu estilo revela-se bastante diferente das saborosas “Homílias sobre o Cântico dos Cânticos”. Talvez que o tom directo, crítico e incisivo, pelo carácter panfletário e cavaleiresco de que está revestido, fizesse deste escrito a obra “maldita” de S. Bernardo, uma espécie de “catilinária” ou manifesto anti-cluniacense que, com o tempo, nem cistercienses nem cluniacenses parecem ter apreciado muito. Entre os manuscritos de Alcobaça<sup>5</sup> aparece uma só vez no Códice CCVI/168 misturada com obras várias de Santos Padres da Igreja. É um pergaminho (292 × 187 mm) de 138 fólios a duas colunas. Com o título “*Incipit epistola sancti Bernardi, missa Willelmo*”, vai do fl. 121v.º ao fl. 137v.º, e nunca foi até agora traduzida para português. Vê-se que em Alcobaça não teve grande divulgação e, todavia, dentro do contexto cultural da Idade Média, ao nível da história das mentalidades, esta obra revela-se para nós de grande interesse, afora o alcance de modernidade que possa ter, ainda hoje, para compreender e aceitar ideais nobres, que explicam a permanência do radicalismo evangélico e ajudam ao “aggiornamento” da vida religiosa no nosso tempo.

<sup>2</sup> *Obras completas de S. Bernardo*. Edición bilingüe, Edición preparada por los Monjes Cistercienses de España, Volume VII: *Cartas*, Madrid, Biblioteca de autores cristianos, 1990 (BAC, 505).

<sup>3</sup> WILMART, Dom A. — *Une risposte de l'ancien monachisme*, “*Révue Bénédictine*”, 45, 296-344.

<sup>4</sup> LECLERCQ, Jean, OSB; ROCHAIS, H. M, OSB — *S. Bernardi Opera, Volumen III: Tractatus et Opuscula*, Roma, Editiones Cistercienses, 1963, 63-108; *Patrologia Latina*, T. 132, 895-919.

<sup>5</sup> *Inventário dos Códices Alcobacenses*, 6 Tomos, Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa, I-II,1930, III-V,1932, VI, 1978, pg. 137.

Olhando ao conteúdo da *Apologia*, que apresentamos dividida em capítulos e números de secções, podemos estruturá-la em três partes:

1.<sup>a</sup> — *Capítulos I-IV*: Unidade e variedade das Ordens religiosas na Igreja, que S. Bernardo compara à túnica multicolor de José — *vestis polymita* (Gn. 37,3).

2.<sup>a</sup> — *Capítulos V-VII*: Observância da Regra pelos Cistercienses quanto à letra e quanto ao espírito.

3.<sup>a</sup> — *Capítulos VIII-XII*: Crítica aos Cluniacenses e ao seu exteriorismo — *fusi sumus exterius*, N.º 25).

É sabido que a história monástica de Cluny fora notabilíssima, desde a fundação do mosteiro em 909/910 por Guilherme o Pio, Duque da Aquitânia e Conde de Mâcon. A partir de então, Cluny assumira toda a obra de reforma monástica promovida no período carolíngio por S. Bento de Aniana. Com uma plêiade de abades sábios e santos, fez a verdadeira europeização monástico-benedictina, a dos monges negros. Cluny era o supra-sumo da disciplina e da observância religiosa, como, de forma encomiástica, escrevia S. Pedro Damiano ao abade Hugo<sup>6</sup>. Em idêntico elogio abundava o monge Udalrico escrevendo em meados do séc. XI acerca da vida claustral naquele mosteiro<sup>7</sup>. Mas, ao morrer S. Hugo de Sémur (1109), foi eleito abade Pôncio, homem ambicioso e dissoluto, que terá permitido a introdução de abusos, sendo até obrigado a demitir-se do cargo abacial<sup>8</sup>. O seu sucessor, Hugo II, só governou alguns meses, vindo a falecer. Foi assim que, em 1122, lhe sucedeu como abade de Cluny Pedro, depois chamado Venerável. Este aguentou com humildade as críticas que S. Bernardo tece nesta *Apologia* e não deixou de se esclarecer trocando vasta correspondência com S. Bernardo, denunciando até o exagero da crítica, como se de monge passasse a ser tido e desprezado como

<sup>6</sup> “Quando recordo a plena e estricta vida quotidiana da vossa abadia, reconheço que é o Espírito Santo quem vos guia. Porque a série dos vossos officios é tão repleta e contínua, passais tanto tempo no coro que, inclusivé, nos dias de verão, quando a luz do sol se alonga mais, difficilmente se pode encontrar meia hora para que os irmãos possam falar no claustro”. *Epistula V*, “PL”, 145,380.

<sup>7</sup> “PL”, Vol. 149, 668: *Udalrici Constitutiones*, I, 18.

<sup>8</sup> Autores modernos pretendem reabilitar o abade Pôncio, como BREDERO, Adrian H. — *Cluny et Cîteaux au douzième siècle. L'histoire d'une controverse monastique*, Lille, Presses Universitaires de Lille, 1985, 40 s.

judeu publicano e samaritano”<sup>9</sup>. A correspondência abriu caminho para a compreensão mútua e os dois tornaram-se amigos sinceros a ponto de Bernardo de Claraval louvar Pedro de Cluny junto do Papa Eugénio III pela obra reformadora que realizara em Cluny<sup>10</sup>. Mas a crítica panfletária de S. Bernardo já tinha sido precedida pelo poema satírico de Adalberão, bispo de Laon (†1031), “*Carmen ad Robertum regem*”, insurgindo-se contra o, direito de isenção e a riqueza crescente do abade Odilão de Cluny e seus monges<sup>11</sup>. Sublinhe-se, todavia, como a hagiografia de Odilão louvava este engrandecimento material fazendo dele, na mentalidade do tempo, forma de serviço de Deus e glória da dignidade do santo<sup>12</sup>. Isto, com certeza, inseria-se na doutrina da “Teocracia eclesial” elaborada em Cluny no tempo de

<sup>9</sup> “Auferetur ab advenientis fratris corde scandalum... Christianum me sesse putabam, et pro ethnico reputor. Monachum me credebam, et ut publicanus abjicior. Concivem me aestimabam et ut Samaritanus expellor. Verum nunc agnovi, quia non coutuntur Judaei Samaritanis. Et quis potest cuncta similia istis, quae hac de causa prolata sunt, maledicta verba referre? Obstruatu rigitur tali charitatis obice os loquentium talia, ne dicam iniqua; consulatur infirmis, quorum se medicum Christus dixit (Mt. 9,)”, *Epistolarum Liber V, Ep. 4*, “PL”, 189, 406.

<sup>10</sup> “Stultum videtur scribere ad vos pro domino Cluniacensi et quasi velle patocinium ferre, quem omnes sibi patrono habere desiderant. Sed scribo, etsi non necessarie illi, satisfaciens tamen affectui: affectui dico meo, non alterius. Ipso enim, quia corpore non possum, prosequor amicum peregrinantem. Quis nos separabit? Nec altitudo Alpium, nec nivium frigora, nec longitudo itineris... Nam, si nescitis, iste est qui manus suas extendit ad pauperes Ordinis nostri; iste est qui de possessionibus ecclesiae suae, quantum cum pace suorum potest, libenter et frequenter largitur ad victum... Quamquam paene ab introitu suo in multis Ordinem illum meliorasse cognoscitur, cerbi gratia, in observantia ieiuniorum, silentii, indumentorum pretiosorum et curiosorum”, *Epistula 277*, “PL”, 182, 482-483.

<sup>11</sup> HUCKEL, G.A — *Les poèmes satiriques d’Albéron de Laon*, “Mélanges d’histoire du Moyen Age”, Paris, Université de Paris, Bibliothèque de la Faculté des Lettres, 1901, Capítulo XIII, 49-167; DUBY, Georges — *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*, Lisboa, Editorial Estampa, 1982, 25-33. De resto, sobre a sátira do monaquismo na Idade Média, cfr. BRETEL, Paul — *Les ermites et les moines dans la littérature française du Moyen Age (1150-1250)*, Paris, Honoré Champion Éditeur, 1995.

<sup>12</sup> “Quocumque exhibat, quocumque praecedebat, tanta eum sequebatur frequentia fratrum, ut jam non duces ac principem, sed revera putares archangelum monachorum”, *Vita Odilonis I, II*, “PL”, 142, 897-940. Esta obra foi redigida pouco depois da morte de S. Odilão (+1049) e nela se descreve como este monge do ano mil atravessou o milénio todo empolgado em relevar a grandeza de Deus e a paz entre os homens, instituindo a “Trégua de Deus” para que o Reino de Cristo fosse um reino de paz na terra. Aliás, S. Pedro Damiano também escreveu, cerca de 1063, uma *Vita Sancti Odilonis*, “PL”, 144, 925-944.

Santo Odilão, doutrina que tanto iria servir à “ordem gregoriana” aplicada à Igreja pelo papa Gregório VII (†1085), antigo monge beneditino com o nome de Hildebrando.

Com razão, a observância de Cluny e a de Cister se podem considerar como as duas artérias substanciais da vivência da Regra beneditina, a partir daí chamadas dos monges negros e dos monges brancos. Cluny era a exterioridade, a opulência, a decoração figurada e simbólica para realçar o esplendor da casa de Deus, já que nada é belo demais para para glorificar o poder divino, como dirá o abade Sugério (1081-1151) ou Soeiro à portuguesa, justificando a grandiosidade da igreja do mosteiro de S. Dinis em Paris. Neste sentido, os textos de Sugério, quer no “*Liber de rebus in administratione sua gestis*” quer no “*Libellus de consecratione Ecclesiae a se aedificata*” (Igreja de S. Dinis em Paris)<sup>13</sup>, são uma contra-resposta prática, pela positiva, à crítica da *Apologia* de S. Bernardo. O abade de S. Dinis, guiado pela teologia neoplatónica de Hugo de S. Victor na sua “*Hierarchia caelesti*”, sabia que as coisas materiais são plataforma para chegarmos às coisas espirituais. Soeiro propunha para o seu mosteiro o valor da riqueza e da beleza como homenagem à fé, para fazer realçar a claridade e o belo fulgor da luz divina. De resto, S. Bernardo não pouparia elogios a Sugério na carta que lhe dirigiu pessoalmente felicitando-o pela “conversão” que o levou a transformar a “oficina de Vulcano” e “sinagoga de Satanás” em casa de oração e de estudos celestes<sup>14</sup>. Depois, numa carta endereçada ao Papa Eugénio III, louva-o classificando-o “*in temporalibus fidelis et prudens, et in spiritalibus fervens et humilis... Apud Caesarem est tanquam unus de curia Romana, apud Deum tanquam unus de curia caeli*”<sup>15</sup>.

Cister, em contrapartida, privilegiava a interioridade, o recolhimento, a austeridade como elementos que guiam o monge no itinerário espiritual à procura do conhecimento de si mesmo para chegar ao conhecimento de Deus.

<sup>13</sup> SUGERIUS — *Liber de rebus in administratione sua gestis*, “PL”, 186, 1211- 1239; *Libellus de consecratione Ecclesiae a se aedificata*, “PL”, 186, 1239-12.54; Cfr. BUR, Michel — *L’Abate SUGERO, statista e architetto della luce*, Milão, Editoriale Jaca Book, 1995 (Tradução do francês).

<sup>14</sup> “*Cuius studio et industria Vulcani officina studiis videtur mancipata coelestibus, imo sua Deo habitatio reddita, et, in id potius quod ante fuit, ex synagoga Satanas restituta*”, *Epistola* 78,4, “PL”, 182, 191-199.

<sup>15</sup> *Epistolae Sugerii*, “PL”, 186, 1347.

Esta procura, apesar de tudo, não deixava de se fazer com elementos simbólicos e arquiteturais, ainda que sem a mediação decorativa das artes suntuárias. Na nudez das igrejas, bastava-lhes a harmonia dos volumes, a simplicidade das linhas, a elegância das proporções, a esbelteza dos arcos, a pureza das paredes caiadas, o claro-escuro da luz para se elevarem para Deus e se representarem a imagem impressionante da Jerusalém celeste. S. Bernardo preferia a luz e as sombras do claustro e da igreja, como símbolo a fazer da vida do monge um “dinâmico e incessante projecto a realizar no decurso da vida”. Procurava-se, portanto, uma articulação do corpo, da alma e do espírito, os três registos da vida contemplativa, procurando eliminar tudo aquilo que pudesse desviar a alma na busca interior do divino. Se Cluny, dentro do espírito feudalista, realçava Deus como grande Senhor e punha o acento no “Serviço Divino”, na Liturgia solenemente celebrada em estruturas mais ou menos grandiosas, Cister pretendia a união mística com Deus, que Cristo e Maria emblematicavam, e considerava o homem necessitado de penitência sublinhando o papel ascético do trabalho manual de que se não podem dispensar “os verdadeiros monges”<sup>16</sup>, em ambiente retirado e humilde. A grande riqueza interior de S. Bernardo permitia-lhe dispensar para si e, pensava ele, para os seus irmãos de hábito, a mediação das realidades materiais. Bernardo, entrando no mosteiro, trazia consigo o pundonor e a intrepidez da família feudal em que nascera e cujas virtudes, canalizadas para a milícia da santidade, queria introduzir na disciplina cisterciense. As virtudes cardiais e a austeridade seriam, agora, a magnificência da vida cisterciense. Todavia, a história mostra que o ideal cisterciense de retiro, renúncia, simplicidade e trabalho no espaço dum século estava praticamente superado e já os cistercienses voltavam a viver à maneira dos cluniacenses. Afinal, quase poderíamos dizer com um escritor moderno que o “sonho cisterciense”<sup>17</sup>, quer no ideal primitivo dos chamados “Padres de Cister”<sup>18</sup>, quer na visão ascético-espiritual de S. Bernardo, depressa se desfizera e, passados quatro séculos, já o Abade De Rancé (1626-1700) sentia como que a neces-

---

<sup>16</sup> *Regra de S. Bento*, 48,20, 2.<sup>a</sup> Edição, Singeverga, Edições “Ora & Labora, 1992, 100.

<sup>17</sup> PRESSOUYRE, Léon — *Le rêve cistercien*, Paris, Gallimard, 1990 (Col. Découvertes Gallimard, N.º 95).

<sup>18</sup> *Os Cistercienses. Documentos primitivos*. Texto, latino e tradução brasileira de Irineu Guimarães, Rio de Janeiro/S. Paulo, Edições “Lumen Christi/Musa Editora, 1997.

sidade de ensaiar na Trapa a reforma de Cister. Mas, não há dúvida que o carismático S. Bernardo de Claraval fez a diferença entre cluniacenses e cistercienses naquele primeiro século axial, entre 1098-1200. A marca da sua personalidade e a profundidade da sua espiritualidade foram elementos tão fortes e sedutores, que a Europa se encheu de mosteiros cistercienses, de tal maneira que os estudiosos da vida religiosa passaram, impropriamente e de forma genérica, a chamar “bernardos” aos monges cistercienses. Pouco depois de S. Bernardo, um monge cisterciense inglês, todo imbuído da sua doutrina, Aelredo de Rielvaux (†1166), mosteiro afiliado a Claraval, escrevia o “*Speculum Caritatis*”<sup>19</sup>, desenvolvendo uma espiritualidade e uma estética verdadeiramente afins à doutrina radical exposta por S. Bernardo, a ponto de os cistercienses reconhecerem que ele não diferia muito de S. Bernardo e lhe era semelhante: “*Bernardo prope par Aelredus noster*”.

A *Apologia* é, em certa medida, um escrito ideológico, exemplar exercício de retórica sarcástica e termómetro diferencial das duas Ordens monásticas, ramos principais da árvore beneditina: cluniacenses e cistercienses. Na *Apologia* temos, pois, um bom espelho do que era o tipo de vida de cada uma delas, a maneira diferente como, inclusive, enfrentavam coisas tão quotidianas como o comer, o vestir e o adornar as igrejas. Neste sentido, o texto de S. Bernardo tem servido para estudo das mentalidades na Idade Média e de critério para conceitos de arte e estética e até de cozinha. Na realidade, bastaria trazer aqui à colação os textos emblemáticos sobre as refeições, tipos de comidas e maneira de preparar os ovos (*Apol.* 20), sobre bebidas (*Apol.* 21), vestes (*Apol.* 24), fausto das cavalgadas (*Apol.* 27) e, finalmente, a crítica às pinturas, esculturas e adornos de ouro e prata nos mosteiros (*Apol.* 28-29). Mas, a *Apologia* não é um compêndio de arte e estética, mas um tratado de espiritualidade monástica. Afinal, nesta polémica obra da juventude, mostrava já mostrava como havia de ser “o mais esplêndido pilar da Igreja, trombeta de Deus, doce órgão do Espírito”<sup>20</sup>.

Hoje fala-se muito da arquitectura cisterciense. Ora, exactamente porque julgamos importante o conhecimento deste opúsculo para ajuizarmos dos critérios estéticos e artísticos de S. Bernardo e dos cistercienses do séc. XII, é que fizemos a sua tradução. Não se pode, de maneira nenhuma, dizer que

<sup>19</sup> “PL”, Vol. 195, Col. 501-620.

<sup>20</sup> Godofredo de Auxerre — *Vita prima*, “PL”, 185, 576.

S. Bernardo seja um inimigo da arte, um iconoclasta dos objectos artísticos nos mosteiros. O critério subjacente à sua estética não é propriamente artístico, mas ético, ascético<sup>21</sup>. Não é que não considere a pintura e a escrita dignas de louvores<sup>22</sup>. Será ele, porém, o primeiro dentro da tradição cristã antiga, a pôr aos monges a questão das relações entre a arte e a mística: “Dirijo-me aos membros da nossa Ordem”<sup>23</sup>. Para ele, arte e mística andam de mãos dadas. A arte deve elevar o espírito, libertá-lo, favorecer a contemplação da mente e não seduzir a apetência dos sentidos. Mais que o peso e a fruição estética da arte pela arte está o gozo da presença de Deus, que a imaterialidade das coisas, as paredes nuas, a luz com os contrastes do claro-escuro e as formas de arcos a elevar-se para as alturas, como mãos erguidas em ogiva, sugerem e proporcionam. No mosteiro cisterciense, portanto, tudo deve assentar na pobreza ou ausência de decoração para que o espírito, sem entraves do mediatismo material, mais directamente se encontre com o Deus da beleza absoluta. É desta mundividência espiritual criada pela pobreza, pela austeridade e pela simplicidade, que resulta o proveito duma mística angelizada e contemplativa. Por causa disto, com objectivos de espiritualidade, os cistercienses criarão normas para a construção das suas igrejas e mosteiros sem nunca estabelecerem os princípios rígidos duma escola de arte ou de arquitectura. Não se pode admitir o mito do “plano único” ou “plano bernardino”, tal a diversidade de modelos arquitecturais que a Ordem conheceu nos primeiros tempos. Perante a variedade das realizações cistercienses, podemos afirmar que não existe, de facto, uma escola artística de arquitectura cisterciense nem de artes decorativas. Os monges seguiam os modos de construção da região e do país onde se instalavam, aplicando alguns princípios “normativos” da sua espiritualidade austera e simples, deixando extravasar o seu despojamento interior na decoração dos seus mosteiros e igrejas, proibindo a mania do luxo religioso (*Charta caritatis; Exordium*

---

<sup>21</sup> “Nós, porém, que já nos saímos do povo, que, por Cristo, deixámos (Mt. 19, 27) as coisas preciosas e belas do mundo, todas as lindamente brilhantes, musicalmente embaladoras, suavemente inebriantes, docemente saborosas, agradáveis ao tacto, enfim, julgamos todos os prazeres do corpo como estrume para lucrarmos a Cristo (Fl. 3, 8), pergunto-vos a quem é que incitamos com elas a devoção?”, *Apol.* 28.

<sup>22</sup> *Sermo 13 super Cantica Canticorum*, par. 6.

<sup>23</sup> *Apologia*, V, 10.

*parvum*<sup>24</sup>)<sup>25</sup>. É nesta uniformidade, precisamente, que estão as virtualidades da pretensa “escola” cisterciense. Nos começos, a preocupação estética não podia constituir uma preocupação para os monges cistercienses. Para a elevação do espírito, a arte gótica com aqueles arcos alongados em ogiva prestava-se às maravilhas, tanto mais que Cister atinge o apogeu expansivo no período que poderíamos classificar de gótico puro. Desse tipo de construções, o romancista Fernando Pouillon, encarnando a pessoa do monge arquitecto, que construiu a maravilha do mosteiro de Thoronet, na Provença, exemplo magnífico da chamada “arquitectura cisterciense”, deixou-nos, em estilo de diário, uma “meditação lírica” sobre tal tipo de arquitectura<sup>26</sup>.

Enquanto ideário cisterciense da proscricção do luxo e do supérfluo decorativo, a *Apologia* de S. Bernardo vai ser a fonte inspiradora da legislação cisterciense adoptada no célebre “Capítulo Geral” de 1134, quando as concepções do santo se estenderam a toda a ordem com força de norma artística e impacto arquitectónico<sup>27</sup>. À imponência religiosa e à opulência de Cluny, S. Bernardo opôs a redução integral dum asceta rigorista e coerente e dum místico enlevado, como bem tinha sublinhado ao referir a contradição paradoxal das “*immensas altitudines, immoderatas longitudines, supervacuas latitudines*” (*Apol.* XII, 28). Não se ufanava ele de aprender mais nos bosques com as árvores do que com os mestres?<sup>28</sup>. A grande Bíblia de Claraaval

<sup>24</sup> Textos a ser publicados em *Cister, os documentos primitivos*, trad., introdução e comentários de Aires A. Nascimento, Ed. Colibri, Lisboa (no prelo); ver também: *Os Cistercienses. Documentos primitivos. Texto Latino e Tradução Brasileira*, Rio de Janeiro/São Paulo, Edições “Lumen Christi”/Editora Musa, 1997.

<sup>25</sup> DUBY, Georges — *Saint Bernard. L’art cistercien*, 2.<sup>a</sup> Ed., Paris, Flammarion, 1979 (1976); KINDER, Terry N. — *L’Europe cistercienne*, Tradução do inglês por Divina Cabo, La Pierre-qui-Vire, Zodiaque “Les formes de la nuit”, 1997.

<sup>26</sup> POUILLON, Fernand — *Les pierres sauvages*, Paris, Éditions du Seuil, 1964.

<sup>27</sup> BRAUNFELS, W. — *La arquitectura monacal en Occidente*, Barcelona, Barral Editores, 1974, 321.

<sup>28</sup> “Ligna et lapides docebunt te, quod a magistris audire non possis”, *Epistula 106*; “Sed nec ardua montium, nec aspera rupium, nec vallium concava perhorresco, cum in diebus istis montes stillent dulcedinem et colles fluent lac et mel, in quibus valles abundant frumento, in quibus mel sugitur de petra oleumque de saxo durissimo et in montibus sunt pascuae ovium Christi. Unde arbitrator quod malleo illo tuo aliquid tibi de rupibus illud excuderis, quod sagacitate ingenii de magistrorum scriniis non tulisses, et nonumquam tale aliquid in meridiano fervore, sub umbra arborum senseris quale numquam didicisses in scholis”, *Ep.* 523, Lin. 14-18.

começara a realizar-se como resposta concreta e prática<sup>29</sup> para que os monges pudessem encontrar com fidelidade a sedutora nudez do Verbo de Deus dentro de si mesmos<sup>30</sup>. Para o místico Bernardo de Claraval, a mediação plástica dos vestígios naturais, tal como as formas de arte, tornara-se dispensável na relação com o transcendente.

Agora que tanto se fala de património artístico e de mosteiros, nós, que bem conhecemos o atlas cisterciense português e não desconhecemos o estado miserável e ruinoso de muitos mosteiros cheios de arte e de história, aqui deixamos, sobretudo para os estudiosos de história da arte, esta primeira tradução portuguesa duma obra quase milenar e tão mal conhecida. Esperamos que na Universidade, enquanto “alma mater” da cultura, professores e alunos, saibam aproveitar este texto, sem dúvida polémico, mas significativo e de veras importante, expressão do pensamento dum homem que marcou o seu tempo e se deixou guiar pela fé sem nunca abdicar duma fina sensibilidade estética.

Agradecemos ao Doutor Arnaldo Monteiro Espírito Santo, amigo e colega da Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, a revisão da tradução e as sugestões gentilmente fornecidas.

Numa época de renovação da Igreja e redescoberta dos valores evangélicos próprios da vida consagrada, à luz da reforma espiritual do Concílio Vaticano II, disponhamo-nos a ler esta *Apologia* ao menos com curiosidade de estudiosos da história das mentalidades. Se não temos a humildade e simplicidade de espírito próprias de monges, que nunca se cansam de fazer revi-

---

<sup>29</sup> DUBY, Georges — *As três ordens*, 11.

<sup>30</sup> “Nec mirum tamen, quia ipse est cui dictum est: ”Et vestigia tua non cognoscentur”. Sane per oculos non intravit, quia non est coloratum; sed neque per aures, quia non sonuit; neque per nares, quia non aeri miscetur, sed menti, nec infecit aerem, sed fecit; neque vero per fauces, quia non est mansum vel haustum; nec tactu comperi illud, quia palpabile non est... Qua igitur introivit? An forte nec introivit quidem, quia non deforis venit? Ad inferius quoque meum curiosus explorator descendit, et nihilominus infra inventum est. Si foras aspexi, extra omne exterius meum comperi illud esse; si intus, et ipsum interius erat. Et cognovi verum quidem esse quod legeram: “qui in ipso vivimus, movemur et dumus”; sed ille beatus est, in quo est ipsum, qui illi vivit, qui eo movetur... 6... Ita igitur intrans ad me aliquoties Verbum sponsus, nullis umquam introitum suum indicis innotescere fecit: non voce, non specie, non incessu”, S. BERNARDUS CLARAEVALLENSIS — *Sermones super Cantica Canticatorum*, Sermo 74, par. 5.6.

são de vida, se não temos a corajosa tranquilidade daqueles que, com fidelidade, seguem o caminho da perfeição e “verdadeiramente procuram a Deus”, ao menos apreciemos com simpatia esses utópicos mas sinceros seguidores de Jesus, homens e mulheres, que se deixaram conduzir pelas normas da Regra de S. Bento, Pai do Monaquismo Ocidental.

Por sua vez, os monges, sem atitudes preconcebidas, deverão abrir-se à justeza das críticas naquilo que, porventura, também for atinente, hoje, à sua condição de religiosos comprometidos com o Evangelho, qualquer que seja a observância regular que sigam. Para revisão da sua vida em comunhão, a *Apologia*, como fonte de espiritualidade, poderá servir-lhes de bom espelho de consciência comunitária e termómetro válido para aferimento da fidelidade ao radicalismo evangélico e ao espírito da mesma Regra.

Os crentes, sobretudo, através dum homem que à ciência das letras preferia o amor de Deus, mas tinha o sentido do belo e que, em plena Idade Média, sabia escrever um latim de sabor quase clássico, poderão, neste opúsculo, escutar a voz de Deus que, como ao Seu Povo Eleito de Israel, continua a alertar-nos com o despertador da Sua Palavra acutilante e sempre actual: “Hoje, se ouvirdes a voz do Senhor, não fecheis os vossos corações” (Sl. 94 (95) 8).

GERALDO J. A. COELHO DIAS, OSB/FLUP

Porto, Mosteiro de São Bento da Vitória,  
1997

# Bernardo de Claraval

## *Apologia ad Guillelmum Abbatem*

Texto latino da edição crítica  
*Sancti Bernardi Opera*, t. III, pp. 63-108,  
curantibus J. Leclerc — H. M. Rochais,  
Editiones Cistercienses, Roma, 1963

## *Apologia para Guilherme, Abade*

Tradução e notas de Geraldo J. A. Coelho Dias, OBS

## APOLOGIA AD GUILLELMUM ABBATEM

Venerabili Patri GUILLELMO, frater Bernardus,  
fratrum qui in Claravalle sunt inutilis servus:  
salutem in Domino.

**I. 1.** USQUE modo si qua me scripitare iussistis, aut invitus, aut nullatenus acquievi: non quia negligere quod iubebar, sed ne praesumerem quod nesciebam. Nunc vero, nova urgente causa, pristina fugatur verecundia, et vel perite, vel imperite, dolori meo satisfacere cogor, fiduciam dante ipsa necessitate. Quomodo namque silenter audire possum vestram huiusmodi de nobis querimoniam, qua scilicet miserrimi hominum, in pannis et semicinctiis, de cavernis, ut ille ait, dicimur iudicare mundum, quodque inter cetera intolerabilius est, etiam gloriosissimo Ordini vestro derogare, sanctis, qui in eo laudabiliter vivunt, impudenter detrahere, et de umbra nostrae ignobilitatis mundi luminaribus insultare? Itane sub vestimentis ovium, non quidem lupi rapaces, sed pulices mordaces, immo tineae demolientes, bonorum vitam, quia palam non audemus, in occulto corrodimus, nec saltem clamorem invectionis, sed susurrium detractionis emittimus? Si hoc ita est, ut quid sine causa mortificamur tota die, aestimati sicut oves occisionis? Si ita, inquam, pharisaica iactantia ceteros homines et, quod est superbius, nobis meliores despiciamus, quid nobis prodest tanta in nostro victu parcitas et asperitas, in vestitu notabilis illa vilitas ac diversitas, in opere manuum quotidiana desudatio, in ieiuniis et vigiliis iugis exercitatio, totius denique vitae nostrae singularis

## APOLOGIA PARA GUILHERME, ABADE.

“Ao venerável Padre Guilherme, frei Bernardo, servo inútil dos irmãos que estão em Claraval, saúda no Senhor.

**I. 1** — Até agora, se alguma vez me pediste para escrever, nunca acedi a teus rogos, ou, então, não o fiz senão contrariado. Não é que desprezasse aquilo que me era mandado, mas para não presumir o que não sabia. Agora, porém, urgindo uma nova causa, desaparece a vergonha anterior e, de modo perito ou imperito, sou obrigado a ceder à minha dor, dando-me ânimo a própria necessidade. Como é que eu poderia ouvir em silêncio a tua queixa acerca de mim, pela qual se diz que nós, os mais miseráveis dos homens, andrajosos e mal vestidos, das cavernas, como diz ele<sup>1</sup>, julgamos o mundo e, o que é mais intolerável ainda, criticamos também a tua gloriosíssima Ordem e, sem vergonha, atacamos os santos que nela vivem tão louvavelmente e, da sombra da nossa ignobilidade, insultamos esses luminares do mundo? É possível, acaso, que nós, não lobos vorazes (Mt, 7, 15) sob pele de ovelhas, mas pulgas mordazes e mesmo traças destruidoras (Mt. 6, 19), uma vez que não o ousamos fazer às claras, destruamos, às ocultas, a vida dos bons e nem sequer lancemos o clamor da invectiva mas o sussurro da detracção? Se assim é, por que é que todos os dias nos mortificamos sem motivo, tidos como ovelhas para o matadouro (Sl.42 (43), 22) ? Digo que se assim, por orgulho farisaico, desprezamos os restantes homens (Lc. 18, 11) e, o que é mais soberbo ainda, outros melhores do que nós, que é que nos aproveitam tanta aspereza e parcimónia na alimentação, aquela notável pobreza e diferença no vestir,

---

<sup>1</sup> S. Jerónimo — *Epistola*, 17,2.

quaedam atque austerior conversatio, nisi forte omnia opera nostra facimus ut videamur ab hominibus? Sed dicit Christus: AMEN DICO VOBIS, RECEPERUNT MERCEDEM SUAM. Nonne si IN HAC VITA TANTUM IN CHRISTO SPERANTES SUMUS, MISERABILIORES SUMUS OMNIBUS HOMINIBUS? An vero non in hac vita tantum in Christo speramus, si de Christi servitio temporalem tantum gloriam quaerimus?

2. Miser ego homuncio, qui tanto labore et industria studeo non esse vel potius non videri sicut ceteri hominum, minus tamen accepturus, immo gravius puniendus, quam quilibet hominum. Siccine ergo non inveniebatur nobis via, ut ita dicam, utcumque tolerabilior ad infernum? Si ita necesse erat, ut illo descenderemos, cur saltem illam, qua multi incedunt, viam scilicet latam, quae ducit ad mortem, non elegimus, quatenus vel de gaudio, et non de luctu, ad luctum transiremus? O quam felicius est illis, quorum non est respectus morti eorum et firmamentum in plaga eorum, qui in labore hominum non sunt et cum hominibus non flagellantur, qui, etsi peccatores ac pro gaudiis temporalibus perpetuis cruciatibus addicti, saltem abundantes in saeculo obtinuerunt divitias! Vae portantibus crucem, non sicut Salvator suam, sed sicut ille Cyrenacus alienam! Vae citharoedis citharizantibus, non ut illi de Apocalypsi, in citharis suis, sed vere, ut hypocritae, in alienis! Vae semel, et vae iterum pauperibus superbis! Vae, inquam, semel, et vae iterum, portantibus crucem Christi et non sequentibus Christum: qui nimirum cuius passionibus participantur, humilitatem sectari negligunt.

3. Duplici quippe contritione conteruntur qui huiusmodi sunt, quando et hic pro temporali gloria temporaliter se affligunt, et in futuro pro interna superbia ad aeterna supplicia pertrahuntur. Laborant cum Christo, sed cum Christo non regnant; sequuntur Christum in paupertate sua, sed in gloria non consequuntur; de torrente in via bibunt, sed non exaltabunt caput in patria; lugent nunc, sed tunc non consolabuntur. Et merito: quid enim facit superbia sub pannis humilitatis Iesu? Numquid non habet quo se palliet humana

o suor no trabalho quotidiano das mãos, o contínuo exercício em jejuns e vigílias (II Cor.11, 27-28), finalmente aquele singular e mais austero procedimento de toda a nossa vida, a não ser que, porventura, façamos todas aquelas nossas obras para ser vistos pelos homens? Mas, diz Cristo: “Em verdade vos digo, receberam a sua recompensa” (Mt. 6, 5). Se nós não esperamos em Cristo senão nesta vida, não somos acaso os mais miseráveis dos homens” (I Cor. 15,19)? Não é, porventura, só nesta vida, esperar em Cristo, se do serviço de Cristo buscamos apenas uma glória temporal?

2 — Miserável homenzito sou eu que, com tanto trabalho e esforço, procuro não ser ou antes não parecer como os restantes homens, havendo de receber menos, havendo até de ser mais severamente castigado que qualquer dos homens. Será que não encontraríamos, por assim dizer, caminho mais fácil para ir para o inferno? Mas, se era inevitável que para ali descêssemos, porque não escolhemos, ao menos, aquela via larga pela qual seguem muitos (Mt. 7, 13), a qual conduz à morte, mas com a vantagem de passarmos do gozo para o luto e não do luto para o gozo? Oh! como são muito mais felizes aqueles que não pensam na sua morte e para os quais não há sofrimentos, que não têm os trabalhos dos homens nem são atormentados como os outros homens (Sl. 72 (73), 4-5); esses, embora pecadores e por causa dos prazeres temporais condenados a tormentos perpétuos, ao menos receberam no mundo abundantes riquezas! Ai dos que levam a cruz, não como o Salvador levou a sua, mas como o Cirineu a de outrem (Mt. 27, 32; Lc. 23, 26)! Ai dos que tocam cítara não como aqueles do Apocalipse (Ap. 14, 2) que tocavam nas suas cítaras, mas como os hipócritas nas dos outros! Ai, uma vez, e ai, outra vez ainda, dos pobres soberbos! Ai, digo, uma vez e ai, outra vez ainda, dos que levam a cruz de Cristo (Mt. 16, 24) e não seguem Cristo; esses, embora participem dos seus sofrimentos (I Pd. 4,13), desprezam seguir a sua humildade.

3 — Com duplo sacrificio se maceram aqueles que assim vivem, quando, aqui, por uma glória passageira nesta vida se afligem e no futuro, por interna soberba, são arrastados para eternos suplícios (Mt. 25, 46; Ap.20, 4)). Trabalham com Cristo mas não reinam com Cristo; seguem Cristo na sua pobreza, mas não o alcançam na glória; pelo caminho bebem na torrente (Sl. 110 (109), 7) mas não levantarão a cabeça na pátria; agora choram mas, então, não serão consolados (Mt. 5, 5; Lc.6, 21). E com razão: que faz a soberba

malitia, nisi unde involuta est infantia Salvatoris? Et quomodo intra praesepium Domini simulatrix arrogancia se coarctat, ac pro vagitibus innocentiae malum inibi detractionis immurmurat? Annon illi superbissimi de Psalmo, quorum prodiit ex adipe iniquitas eorum, multo tutius operati sunt iniquitate et impietate sua, quam nos latemus sub sanctitate aliena? Quis enim magis impius, an profitens impietatem, an mentiens sanctitatem? Nonne is qui, etiam mendacium addens, geminat impietatem? Et quid dicam? Vereor ne forte et ego suspectus habear, non quidem vobis, Pater, non vobis, cui utique notum me novi, quantum in hac caligine homo homini innotescere potest, - et specialiter de hac re scio vos non ignorare quid sentiam. Sed propter illos qui me nec ita ut vos cognoverunt, nec sicut vobis hinc loqui soleo, loquentem audierunt, scribo vobis quod et frequentar audistis, ut, quoniam ego per singulos ire et singulis satisfacere nequeo, ex me habeatis, unde quod de me certissime scitis, eis pro me verissime persuadeatis. Neque enim timeo omnium oculis scribere quidquid de hac re vobis in aure locutus sum.

**II. 4.** Quis umquam me adversus Ordinem illum vel coram audivit disputantem, vel clam susurrantem? Quem umquam de Ordine illo nisi cum gaudio vidi, nisi cum honore suscepi, nisi cum reverentia allocutus, nisi cum humilitate adhortatus sum? Dixi, et dico: modus quidam vitae est sanctus, honestus, castitate decorus, discretione praecipuus, a Patribus institutos, a Spiritu Sancto praeordinatus, animabus salvandis non mediocriter idoneus. Egone vel damno, vel despicio, quem sic praedico? Memini me aliquando in aliquibus eiusdem Ordinis rnonasteriis hospitio susceptum fuisse: reddat Dominus servis suis humanitatem quam infirmanti mihi, ultra etiam quam necesse fuit, exhibuerunt, et honorem quo me, plus quoque quam dignus fui, dignati sunt! Ipsorum me commendavi orationibus, interfui collationibus; saepe de Scripturis et salute animarum habui sermonem cum multis, et publicum in capitulis, et privatum in cameris. Quem umquam vel clam, vel palam, aut ab illo Ordine dissuadere, aut ad nostrum ut veniret persuadere tentavi? Annon potius multos cupientes venire repressi, venientes et pulsantes repuli? Annon

sob os panos da humildade de Jesus (Lc, 2,7)? Acaso não tem com que se cobrir a humana malícia a não ser com o que envolveu a infância do Salvador? E como é que a fingida arrogância se consegue meter no presépio do Salvador e em vez dos vagidos da inocência faz murmurar aí o mal da detracção? Porventura aqueles soberbíssimos do Salmo, cuja iniquidade brota da sua gordura, estão muito mais seguramente encobertos pela sua iniquidade e impiedade do que nós conseguimos esconder-nos sob uma aparente santidade? Quem é mais ímpio: o que manifesta a impiedade ou o que finge santidade? Não é, por certo, aquele que acrescentando ainda a mentira duplica a impiedade? Que direi? Receio também eu ser suspeito, não a ti, Padre, não a ti, de quem reconheço ser tão conhecido quanto nesta escuridão o homem pode ser conhecido pelo homem, — e, em especial acerca deste assunto, sei que tu não ignoras o que eu sinto. Mas, por causa dos que não me conheceram como tu nem me ouviram falar como daqui costumo falar para ti, escrevo-te o que também com frequência ouves; desse modo, porque não posso ir ter com cada qual e a cada qual dar satisfação, de mim tens aquilo que de mim sabes com toda a certeza para os poderes persuadir a meu respeito com toda a verdade. Não temo pôr em escrito à vista de todos aquilo que acerca deste assunto a ti disse ao ouvido (Lc.12, 3).

**II. 4** — Quem jamais me ouviu discutir em público contra essa Ordem ou murmurar às ocultas? Dessa Ordem, a quem é que eu não vi senão com alegria, não recebi senão com honra, não falei senão com reverência, não exortei senão com humildade? Disse e digo: o modo de vida é santo, honesto, insigne em castidade, notável pela discreção, instituído pelos Padres, estabelecido pelo Espírito Santo, não mediocremente idóneo para salvar almas. Acaso estou eu a condenar ou desprezar aquela de que assim falo? Lembrome de, às vezes, ter sido recebido como hóspede em alguns mosteiros dessa mesma Ordem; o Senhor retribua aos seus servos a humanidade que mostraram para comigo, enfermo, mais até do que a que era necessária, e a honra com que, mais do que era digno, me dignificaram! Recomendei-me às orações deles, participei nas práticas rituais; bastas vezes conversei com muitos acerca das Escrituras e da salvação das almas, quer publicamente nos capítulos quer privadamente nas celas. A quem é que eu ou em público ou em particular tentei afastar dessa Ordem ou persuadir a vir para a nossa? Não tenho antes dissuadido muitos que desejavam vir, não afastei mesmo os que

fratrem Nicolaum ad Sanctum Nicolaum, et vobis duos de vestris, vobis teste, remisi? Sed et duobus quibusdam eiusdem Ordinis abbatibus, quorum ne nomina prodam, — ipse eos optime nostis, et nihilominus quam amica mihi familiaritate iungantur, scitis —, numquid non tamen ad alium Ordinem, quod et vos non latuit, migrare desiderantibus, iam iamque deliberantibus, nostrum eis dissuasorium consilium obviavit, ac ne suas desererent cathedras effecit? Cur igitur Ordinem damnare putor vel dicor, cui amicos meos deservire suadeo, cui suos ad nos venientes monachos reddo, de quo et mihi orationes tam sollicite requiro, tam devote suscipio?

**III. 5.** An forte quia iuxta alium Ordinem conversari videor, propterea suspectus hinc habeor? Sed eadem ratione et vos nostro derogatis, quicumque aliter vivitis. Ergo et continentes, et coniuges invicem se damnare putentur, quod suis quique legibus in Ecclesia conversentur. Monachi quoque ac regulares clerici sibi invicem derogare dicantur, quia propriis ab invicem observantiis separantur. Sed et Noe, et Danielem, et Iob in uno se regno pati non posse suspicemur, ad quod utique non uno eos tramite iustitiae pervenisse cognovimus. Mariam denique et Martham necesse sit aut utramque, aut alteram Salvatori displicere, cui nimirum tam dissimili studio devotionis contendunt ambae placere. Et hac ratione in tota Ecclesia, - quae utique tam pluribus tamque dissimilibus variatur ordinibus, utpote regina quae in Psalmo legitur circumamicta varietatibus-, nulla pax, nulla prorsus concordia esse putabitur. Quae etenim segura quies, quis tutus in ea status invenietur, si unus quilibet homo, unum quemlibet Ordinem eligens, alios aliter viventes aut ipse aspernetur, aut se ab ipsis sperni suspicetur, praesertim cum tenere impossibile sit vel unum hominem omnes Ordines, vel unum Ordinem omnes homines? Non sum tam hebes, ut non agnoscam tunicam Ioseph, non illius qui liberavit Aegyptum, sed qui salvavit mundum, et hoc non a fame corporis, sed a morte simul animae et corporis. Notissima quippe est, quia polymita, id est pulcherrima varietate distincta; sed et sanguine apparet intincta, non quidem haedi, qui peccatum significat, sed agni, qui designat innocentiam hoc

vieram e bateram à porta? Não fiz voltar para São Nicolau<sup>2</sup> o frei Nicolau e não te restitui dois dos vossos, como tu próprio podes testemunhar? Mas até a dois abades da mesma Ordem, cujos nomes não revelarei, — tu, porém, bem os conheces e sabes com que amigável familiaridade se ligam a mim — quando pensavam e já estavam decididos a transitar para outra Ordem, o que tu também não ignoras, acaso não foi o meu conselho que os dissuadiu e fez com que não abandonassem as suas cadeiras abaciais? Portanto, porque é que, sou tido e dito como querendo condenar a Ordem à qual aconselho os meus amigos a servir, à qual restituo os seus monges quando vêm para nós, da qual tão solícito sou a pedir orações e com tanta devoção recebo?

**III. 5** — Porventura serei considerado suspeito apenas porque sigo a observância de outra ordem? Mas, sendo assim, também vós, quem quer que vivais de forma diferente, diminuis a nossa ordem. Por conseguinte, poderia julgar-se que celibatários e casados se condenam mutuamente, pelo facto de viverem na Igreja segundo as suas leis. De igual modo se diria que monges e clérigos regulares se criticam mutuamente porque se separam uns dos outros pelas observâncias próprias. Seríamos até levados a supor que nem Noé, nem Daniel nem Job se poderiam suportar no mesmo reino, ao qual sabemos não terem chegado por um só caminho de justiça. Seria necessário, finalmente, que ou Maria ou Marta (Lc. 19, 38-42), uma ou outra, desagradasse ao Senhor ao qual, sem dúvida, por zelo tão diferente de devoção, ambas se esforçaram por agradar. E, por esta razão, paz alguma ou concórdia se julgará haver em toda a Igreja, — a qual se adorna de tantas e tão variadas ordens, como a rainha que no Salmo se lê revestida de variadas vestes (Sl.45 (44), 15). De facto, que descanso seguro, que estado tranquilo nela se encontrará, se qualquer homem que escolher uma outra Ordem desprezar os outros que vivem de forma diferente ou suspeitar que por eles é desprezado, sobretudo sendo impossível que um mesmo homem esteja em todas as Ordens, ou uma mesma Ordem receba todos os homens? Não sou tão imbecil que não reconheça a túnica de José (Gn. 37, 23), não daquele que livrou o Egipto mas do que salvou o mundo, e não da fome do corpo mas, ao mesmo tempo, da morte do corpo e da alma. É, de facto, bem conhecida, porque variegada (Gn. 37, 31),

<sup>2</sup> Trata-se, com certeza, do mosteiro de S. Nicolau de Bosco, na diocese de Laon, França, ao qual parece referir-se a carta n.º 84 de S. Bernardo.

est suo ipsius, non alieno. Ipse profecto est Agnus mansuetissimus, qui coram non quidem tondente, sed occidente se, obmutuit, qui peccatum non fecit, sed abstulit peccata mundi. Miserunt, ait, ad Iacob qui dicerent: HANC INVENIMUS; VIDE UTRUM TUNICA FILII TUI SIT, AN NON. Vide et tu, Domine, utrum haec sit tunica Filii tui dilecti. Recognosce, omnipotens Pater, eam quam fecisti Christo tuo polymitam, dando quidem quosdam apostolos, quosdam autem prophetas, alios vero evangelistas, alios pastores et doctores, et cetera quae in eius ornatu mirifico decenter apposuisti, ad consummationem utique sanctorum, occurrentium in virum perfectum, in mensuram aetatis plenitudinis Christi. Dignare etiam, Deus, pretiosissimi purpuram sanguinis, quo aspersa est, recognoscere, et in purpura praeclarum insigne ac victoriosissimum indicium oboedientiae. QUARE ERGO, inquit, RUBRUM EST VESTIMENTUM TUM? TORCULAR, ait, CALCAVI SOLUS, ET DE GENTIBUS NON EST VIR MECUM.

6. Itaque quandoquidem factus est oboediens Patri usque ad torcular crucis, quod utique solus calcavit: solum quippe brachium suum auxiliatum est ei, iuxta illud in alio loco: SINGULARITER SUM EGO, DONEC TRANSEAM. Iam ergo exalta eum, Deus, et da ei nomen quod est super omne nomen, ut in nomine Iesu omne genu flectatur caelestium, terrestrium et infernorum. Ascendat in altum, captivam ducat captivitatem, donet dona hominibus. Quae dona? Relinquat videlicet sponsae suae Ecclesia pignus hereditatis, ipsam tunicam suam: tunicam scilicet polymitam, eandemque inconsutilem, et desuper contextam per totum; sed polymitam ob multorum Ordinum, qui in ea sunt, multimodam distinctionem, inconsutilem vero propter indissolubilis caritatis individuum unitatem: QUIS ME, inquit, SEPARABIT A CARITATE CHRISTI? Audi quomodo polymitam: DIVISIONES, ait, GRATIARUM SUNT, IDEM AUTEM SPIRITUS; ET DIVISIONES OPERATIONUM SUNT, IDEM VERO DOMINUS. Deinde diversis enumeratis charismatibus, tamquam variis tunicae coloribus, quibus constet eam esse polymitam, ut ostendat etiam inconsutilem et desuper contextam per totum, adiungit: HAEC AUTEM OPERATUR UNUS ATQUE IDEM SPIRITUS, DIVIDENS SINGULIS PROUT VULT. CARITAS QUIPPE

isto é, distinguível por belíssima variedade; mas aparece manchada de sangue não de bode, que significa o pecado, mas de cordeiro (Ex. 12, 5), que denota a inocência, isto é, com o seu próprio e não com o alheio. Ele é, com efeito, o Cordeiro cheio de mansidão que se calou, não diante do que o tosquia mas do que o matava, que não cometeu pecado mas tirou os pecados do mundo (Is. 53, 7; Jr. 11,19; Jo. 1, 29; I Pe. 2, 22). Diz-se que está escrito que mandaram enviados a Jacob para que lhe dissessem: “Encontrámos esta; vê se é ou não a túnica do teu filho” (Gn. 37, 32). Vê também Tu, Senhor, se esta é a túnica do Teu Filho amado. Reconhece, Pai onipotente, aquela que fizeste variegada para o Teu Cristo, dando-lhe uns como apóstolos, outros como profetas, outros como evangelistas, outros como pastores e doutores (I Cor. 12, 28) e tantas coisas que, com arte, pusestes no seu admirável ornamento, para a consumação dos santos, dos que tendem para o aperfeiçoamento, para a medida da idade da plenitude de Cristo (Ef. 4, 12-13). Dignate, ainda, ó Deus, reconhecer a púrpura do preciosíssimo sangue com que foi aspergida (Ap. 19, 13) e, na púrpura, a insígnia brilhante e a prova vitoriosíssima da obediência. Diz: “Por que razão, pergunta, é vermelho o teu vestido?” “Sozinho, responde ele, pisei o lagar e, dentre os povos, mais ninguém esteve comigo” (Is. 63, 2-3).

6 — Portanto, Ele tornou-se obediente ao Pai (Fl. 2, 8) até ao lagar da cruz que ele pisou sozinho (Is. 63, 3); só o seu braço lhe serviu de auxiliar, como diz noutro passo: “Estou só até acabar o meu caminho” (Sl. 140 (141), 10). Exalta-O, pois, ó Deus, e dá-lhe o nome que está acima de todo o nome, e que ao nome de Jesus se dobrem os joelhos de todos no céu, na terra e no inferno (Fl. 2, 10). Suba ao alto, leve presos a si os que estavam cativos, dê dons aos homens (Ef. 4, 8). Que dons? Deixe à Igreja, sua esposa, o penhor da herança (Ef. 1, 14), a sua própria túnica: a sua túnica variegada, aquela que é inconsútil e tecida dum só pano de alto a baixo (Gn. 37, 23; Jo. 19, 23); mas variegada por causa da multiforme distinção das várias Ordens que nela estão; inconsútil, porém, em virtude da indivisível unidade da indissolúvel caridade. Diz: “Quem me separará da caridade de Cristo?” (Rom. 8, 35). Ouve como ela é variegada: “Há diversidades de graças, diz, mas é o mesmo Espírito; há diversidades de operações mas é o mesmo Senhor” (I Cor. 12, 4). Depois de ter enumerado os diversos carismas, como as diversas cores da túnica pelas quais consta ela ser variegada, para mostrar que também é

DIFFUSA EST IN CORDIBUS NOSTRIS PER SPIRITUM SANCTUM QUI DATUS EST NOBIS. Non ergo dividatur, sed totam et integram hereditario iure sortiatur Ecclesia, quia et de illa scriptum est : ASTITIT REGINA A DEXTRIS TUIS IN VESTITU DEAURATO, CIRCUMDATA VARIETATE. Itaque diversi diversa accipientes dona, alius quidem sic, alius vero sic, sive Cluniacenses, sive Cistercienses, sive clerici regulares, sive etiam laici fideles, omnis denique Ordo, omnis lingua, omnis sexus, omnis aetas, omnis conditio, in omni loco, per omne tempus, a primo homine usque ad nonvssimum. Nam et propter hoc talaris dicta est, quod ad finem usque pertingat, dicente Propheta: ET NON EST QUI SE ABSCONDAT A CALORE EIUS, nimirum congruens ei cui et facta est, qui, perhibente videlicet alia Scriptura, et ipse ATTINGIT A FINE USQUE AD FINEM FORTITER, ET DISPONIT OMNIA SUAVITER.

IV. 7. Omnes ergo pariter occurramus in unam tunicam, et ex omnibus constet una. Ex omnibus, inquam, una: nam etsi ex pluribus et diversis, una est amen columba mea, formosa mea, perfecta mea. Alioquin nec ego solus, nec tu sine me, nec ille absque utroque, sed simul omnes sumus illa una, si tamen solliciti sumus servare unitatem spiritus in vinculo pacis. Non, inquam, tantum Ordo noster, aut solus vester, ad illam pertinet unam, sed noster simul et vester, nisi forte, quod absit, invicem invidentes, invicem provocantes, invicem mordeamus et ab invicem consumamur, et sic non possit Apostolus uni nos illi viro, cui et despondit, virginem castam exhibere Christo. Verumtamen illa una dicit in Canticis: ORDINATE IN ME CARITATEM, ut etsi una in caritate, divisa tamen sit in ordinatione. Quid ergo? Cisterciensis sum: damno igitur Cluniacenses? Absit! Sed diligo, sed praedico, sed magnifico. <Cur ergo”, inquis, “Ordinem illum non tenes, si sic laudas” Audi: propter hoc quod Apostolus ait: UNUSQUISQUE IN EA VOCATIONE IN QUA VOCATUS EST, PERMANEAT. Quod si quaeris, cur et a principio non elegerim, si talem sciebam, respondeo: propter id quod rursus ait Apostolus: OMNIA LICENT, SED NON OMNIA EXPEDIUNT. Non quod scilicet Ordo sanctus et iustus non sit; sed quia ego carnalis eram, venumdatum sub

inconsútil e tecida dum só pano de alto a baixo, acrescenta: “Isto realiza um só e mesmo Espírito, distribuindo a cada um conforme lhe apraz” (I Cor. 12, 11). “A caridade foi difundida em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rom. 5, 5). Não seja, portanto, dividida mas dada toda íntegra em sorte, por direito hereditário à Igreja, porque dela está ainda escrito: “A rainha está à tua direita em veste de brocados de ouro, com ornatos multicores “ (Sl. 44 (45), 10). Assim, diversos recebem diversos dons, um duma maneira outro doutra (I Cor. 7, 7), quer os Cluniacenses quer os Cistercienses quer os Clérigos regulares quer mesmo os fiéis leigos, enfim, toda a Ordem, toda a língua, todo o sexo, toda a idade, toda a condição, em todo o lugar, por todo o tempo, desde o primeiro ao último homem. Na realidade, por causa disto também é chamada talar, pois chega até ao calcanhar, dizendo o Profeta: “Não há quem escape ao seu calor” (Sl. 18 (19), 7), sobretudo ficando bem àquele para quem foi feita, o qual, como mostra outro passo da Escritura, também ele “abrange com força duma extremidade à outra extremidade e tudo dispõe com suavidade” (Sb. 8, 1).

**IV. 7** — Por isso, todos nós concorramos de igual modo para fazer uma só túnica e de todos ela conste. Feita de todos, digo, ela é una: embora feita de vários e diversos, una é, na verdade, “a minha pomba, a minha formosa, a minha perfeita” (Ct. 6, 8). Aliás, nem eu só, nem tu sem mim nem outro sem ambos mas, juntamente, todos somos aquela una, se, de facto, formos “solícitos em conservar a unidade do espírito no vínculo da paz” (Ef. 4, 3). Digo, nem só a nossa Ordem ou só a vossa pertencem àquela una, mas a nossa e a vossa ao mesmo tempo, a não ser que, o que Deus não permita, invejando-nos uns aos outros, provocando-nos reciprocamente (Gl. 5, 26), nos mordamos mutuamente e nos devoremos uns aos outros e assim não possa o Apóstolo “apresentar-nos qual virgem pura a Cristo, o único homem com quem nos desposou” (II Cor. 11, 2). Todavia, aquela una diz no Cântico dos Cânticos: “Ordenai em mim a caridade” (Ct. 2, 4), de modo que, embora una na caridade, seja múltipla na ordenação. Então, quê? Sou Cisterciense, condeno por isso os Cluniacenses? De modo nenhum. Amo-os até, falo deles com elogio, louvo-os. “Porque razão, dizes, não entras naquela Ordem, se assim a louvas?” Ouve: precisamente por aquilo que diz o Apóstolo: “Cada um permaneça na vocação a que foi chamado” (I Cor. 7, 20). Se procurares

peccato, et talem animae meae languorem sentiebam, cui fortior esset potio necessaria.

Et diversis morbis diversa conveniunt medicamento, et fortioribus fortiora. Fac duos homines febribus anxari, quartanis unum, alterum tertianis. Commendet autem, qui quartanis laborat, tertiano aquam, pira et frigida quaeque sumenda, cum tamen ipse ab his absteineat, vinumque et cetera calida, utpote sibi congruentia, sumat. Quis, rogo, hinc eum recte reprehendat? Si diceret ille : “Cur tu aquam non bibis, quam ira laudas?”, annon recte responderet: “Et tibi eam fideliter tribuo, et mihi salubriter subtraho?”

8. Denique requiratur etiam a me cur, cum omnes Ordines laudem, omnes non teneo? Laudo enim omnes et diligo, ubicumque pie et iuste vivitur in Ecclesia. Unum opere teneo, ceteros caritate. Faciet autem caritas, — fidenter loquor —, ut ne illorum quidem fructu frauder, quorum instituta non sequor. Plus aliquid dicam. Tu tibi caute age: potest namque fieri, quia tu frustra laboraveris; ut autem ego frustra diligam bonum quod operaris, fieri omnino non potest. O quanta fiducia caritatis! Alius operatur non amans et alius amat nihil operans. Ille quidem suum opus perdit, illius vero caritas numquam excidit. Et quid mirum, si in hoc exsilio, peregrinante adhuc Ecclesia, quaedam huiusmodi sit pluralis, ut ira dixerim, unitas unaque pluralitas, cum in illa quoque patria, quando iam ipsa regnabit, nihilominus forte talis aliqua dispar quodammodo aequalitas futura sit? Inde etenim scriptum est: IN DOMO PATRIS MEI MANSIONES MULTAE SUNT. Sicut itaque illic multae mansiones in una domo, ita hic multi ordines sunt in una Ecclesia; et quomodo hic divisiones gratiarum sunt, idem autem Spiritus, ira tibi distinctiones quidem gloriarum, sed una domus. Porro unitas tam hic quam ibi una consistit in una caritate, diversitas autem hic quidem in ordinum vel operationum multifaria divisione, illic vero in quadam meritorum notissima, sed ordinatissima distinctione. Intelligens denique Ecclesia hanc suam quodammodo discordem concordiam concordemve discordiam: DEDUXIT ME, inquit, SUPER, SEMITAS IUSTITIAE PROPTER, NOMEN SUUM.

saber porque razão e desde o princípio não a escolhi, mesmo conhecendo-a bem, respondo: por aquilo que, de novo, diz o Apóstolo: “Tudo me é lícito mas nem tudo me convém” (I Cor. 10, 22). Não é que a Ordem não seja santa e justa; eu é que “era carnal, vendido ao pecado” (Rom. 7,14) e sentia tal fraqueza de alma que precisava duma bebida mais forte. É sabido que para doenças diferentes convêm remédios diferentes, mais fortes para as mais graves. Imagina que dois homens estão com febres, um com a quartã, outro com a terçã. Recomende o que está com a quartã ao que está com a terçã a que tome água, peras e algo de fresco, abstendo-se ele disso e tomando vinho e outras coisas quentes como convenientes para si. Pergunto, com razão, quem o repreenderia por isso? Se o outro dissesse: “Porque é que tu não bebes a água, que tanto louvas?”, não lhe responderia ele: “A ti a dou com por fidelidade mas a mim a recuso por saúde”.

8 — Perguntar-me-ão, enfim, porque é que louvo todas as Ordens e as não professo a todas? Efectivamente, louvo e amo a todas onde quer que, de modo piedoso e justo, se vive na Igreja. Uma professo na prática, a todas na caridade. Que a caridade — falo com verdade — não permita que seja defraudado do fruto daqueles cujos institutos não sigo. Algo mais direi. Tu age com prudência: pode acontecer que tu tenhas trabalhado em vão (Jb. 39, 16); que, porém, eu em vão ame o bem que tu fazes, isso de modo algum pode acontecer. Oh! como é grande a confiança da caridade! Um age sem amar, outro ama sem nada fazer. Aquele perdeu o seu trabalho, a caridade deste, porém, nunca sai frustrada (I Cor. 13, 8). Que admira, portanto, que neste exílio, sendo a Igreja ainda peregrina, haja uma unidade assim, digamos, plural e uma pluralidade una, uma vez que, na pátria, quando já ela reinar, mesmo assim há-de haver em certa medida uma espécie de igualdade díspar? Daí estar escrito: “Na casa de meu Pai há muitas moradas” (Jo. 14, 2). Assim, pois, como ali, numa mesma casa, há muitas moradas, também aqui numa só Igreja há muitas ordens; e como aqui “há divisões de graças mas é o mesmo Espírito” (I Cor. 14, 4), assim para ti há distinções de glórias mas uma só casa. Contudo, tanto lá como cá, a unidade una consiste numa só caridade, a diversidade, porém, aqui está na multiforme divisão (I Cor. 12, 6) das ordens ou das operações, enquanto lá consiste numa bem conhecida e bem ordenada distinção dos méritos. A Igreja compreendendo, enfim, esta sua, de certa maneira, discordante concórdia ou concorde discórdia, diz: “Ele me guia por

Ponens quippe semitas pluraliter, et iustitia singulariter, nec diversitatem praetermisit operationum, nec unitatem operantium. Praevidens quoque et illam in caelestibus discretam unitatem futuram, devotissime lacta decantat: PLATEAE TUAE, IERUSALEM, STERNENTUR AURO MUNDO, ET PER OMNES VICOS TUOS ALLELUIA CANTABITUR. Audiens enim plateas et vicos, coronas et glorias diversas intellige. In auro, quo uno metallo illa civitas ornata describitur et in uno Alleluia, quod cantandum perhibetur, dissimilium specierum similem pulchritudinem, et multarum mentium unam devotionem attende.

9. Non igitur una tantum semita inceditur, quia nec una est mansio quo tenditur. Viderit autem quisque quacumque incedat, ne pro diversitate semitarum ab una iustitia recedat, quoniam ad quamlibet mansionum sua quisque semita pervenerit, ab una domo Patris exsors non erit. Verumtamen STELLA AB STELLA DIFFERT IN CLARITATE: SIC ERIT, ait, ET RESURRECTIO MORTUORUM. Nam etsi fulgebunt iusti sicut sol in regno Patris eorum, alii tamen aliis amplius, pro diversitate meritorum. Quae sane merita sciendum non sic in hoc saeculo, ut in illo, facile ab homine posse discerni: quippe cum hic tantum opera videantur, illic etiam corda nihil impediatur. Siquidem radiante ubique Sole iustitiae, tunc manifesta erunt abscondita cordium; et sicut non est nunc qui se abscondat a calore eius, ita tunc non erit qui se occultet a splendore ipsius. Et de operibus quidem saepe incerta, et ob hoc periculosa sententia fertur, cum multoties minus iustitiae habeant, qui magis operantur. HACTENUS MEI EXCUSATIO.

#### INCIPIIT ADVERSUS DETRACTORES

V. 10. Unde nunc mihi conveniendi sunt quidam de Ordine nostro, qui contra illam sententiam: NOLITE ANTE TEMPUS IUDICARE, QUOADUSQUE VENIAT DOMINUS, QUI ET ILLUMINABIT ABSCONDITA TENEBRARUM ET MANIFESTABIT CONSILIA CORDIUM, aliis Ordinibus derogare dicuntur, et suam iustitiam solam volentes constituere,

caminhos de justiça para glória do seu nome” (Sl. 22 (23), 3). Pondo os caminhos no plural e a justiça no singular nem omitiu a diversidade de operações nem a unidade dos que operam. Prevendo, ainda, aquela diferenciada unidade futura no céu, alegre canta com imensa devoção: “As tuas praças, Jerusalém, são recobertas de ouro puro e por todas as tuas vielas se cantará o Aleluia!” (Tb. 13, 22). Ao ouvires falar de praças, e vielas, entende coroas e glórias diversas. No ouro, o único metal de que se diz adornada aquela cidade, e no único Aleluia, que se indica que deve ser cantado, compreende a beleza similar das espécies diferentes e a única devoção de muitas mentes.

9 — Por conseguinte, não se segue apenas por um só caminho, porque não é uma só a mansão para onde nos dirigimos. Veja, todavia, cada qual por onde caminha, não vá, por causa da diversidade de caminhos, afastar-se da única justiça, porque seja qual for a mansão onde cada qual chega pelo seu caminho, não deixará de ter parte na única casa do Pai (Jo. 14, 2). É certo que “uma estrela difere de outra em claridade; assim será, diz, a ressurreição dos mortos” (I Cor. 15, 41-42). Na realidade, embora os justos brilhem como o sol no reino de seu Pai (Mt. 13, 43), uns brilharão mais que outros por causa da diversidade dos méritos. Sem dúvida que esses méritos não podem ser com facilidade conhecidos pelo homem neste mundo, como no outro: aqui apenas se vêem as obras, lá nada impede que se vejam também os corações. É que brilhando lá o Sol da justiça (Ml. 3, 18 ou 4, 2), serão patentes então os recônditos do coração; e assim como não há agora quem se esconda do seu calor, assim depois não haverá quem se oculte do seu esplendor (I Cor. 4, 5; Sl. 18 (19), 7). A respeito das obras se refere esta muitas vezes incerta e, por isso, perigosa sentença, pois a maior parte das vezes têm menos de justiça os que mais as praticam. Até aqui a minha desculpa.

### **Começa contra os detractores**

V. 10 — Agora, porém, devo dirigir-me a alguns da nossa Ordem que, contra aquela sentença “Não queirais julgar antes do tempo, até vir o Senhor que iluminará os recessos das trevas e porá a descoberto os desígnios dos corações” (I Cor. 4, 5), se metem, segundo dizem, a criticar as outras Ordens e, querendo estabelecer apenas a sua justiça, não se submetem à justiça de

iustitiae Dei non sunt subiecti: quos profecto, si qui tamen huiusmodi sunt, nec nostri, nec cuiuspiam esse Ordinis verius dixerim; quippe qui etsi ordinate viventes, superbe tamen loquentes, cives se faciunt Babylonis, id est confusionis, immo filios tenebrarum ipsiusque gehennae, ubi nullus ordo, et sempiternos horror inhabitat. Vobis ergo inquam, fratres, qui etiam post auditam illam Domini de Pharisaeo et Publicano parabolam, de vestra iustitia praesumentes, ceteros aspernamini: Dicitis, ut dicitur, solos vos hominum esse iustos aut omnibus sanctiores, solos vos monachorum regulariter vivere, ceteros vero Regulae potius existere transgressores.

**11.** Primo quid ad vos de alienis servis? Suo domino stant, aut cadunt. Quis vos constituit iudices super eos? Deinde si ita, ut dicitur, de Ordine vestro praesumitis, qualis ordo est, ut antequam de suo quisque trabem eiciat, in fratrum oculis tam curiose festucas perquiratis? Qui in Regula gloriamini, cur contra Regulam detrahitis? Cur contra Evangelium ante tempus, et contra Apostolum alienos servos iudicatis? An Regula non concordat Evangelio vel Apostolo? Alioquin Regula iam non est regula, quia non recta. Audite, et discite ordinem qui contra ordinem aliis Ordinibus derogatis:

HYPOCRITA, inquit, EICE PRIMUM TRABEM DE OCULO TUO, ET SIC VIDEBIS EICERE FESTUCAM DE OCULO FRATRIS TUI. Quaeis quam trabem? Annon grandis et grossa trabes est superbia, qua te putans esse aliquid, cum nihil sis, insanissime tibi tamquam sanus exsultas, et allis vanissime, trabem portans, de festucis insultas? GRATIAS, inquis, AGO TIBI DEUS, QUIA NON SUM SICUT CETERI HOMINUM, INIUSTI, RAPTORES, ADULTERI. Sequere ergo, et dic: detractores. Neque enim minima est festuca inter ceteras. Quare cum tam diligenter alias enumeres, istam taces? Si pro nulla vel minima habes, audi Apostolum: NEQUE MALEDICI, ait, REGNUM DEI POSSIDEBUNT. Audi et Deum in Psalmo comminantem: ARGUAM TE, inquit, ET STATUAM CONTRA FACIEM TUAM. Quod quia detractori loquatur, certum est ex praecedentibus. Et quidem iuste ad se retorquendus, et se compellendus est intueri, qui avertens faciem suam a se, aliena potius mala quam sua solet curiosius Perscrutari.

Deus; esses, por certo, se de facto assim são, diria que, em verdade, nem pertencem à nossa Ordem nem a qualquer outra. Vivendo embora segundo a regra, mas falando com orgulho, tornam-se cidadãos de Babilónia, isto é, da confusão e, até, filhos das trevas e da própria geena, onde não existe qualquer ordem, mas um horror eterno (Jb. 10, 22). Digo-vos, irmãos, que mesmo depois de terdes ouvido aquela parábola do Senhor acerca do fariseu e do publicano (Lc. 18, 9-14), presumindo da vossa justiça desprezais os restantes. Dizeis, como se diz, que vós é que sois justos ou mais santos que todos os outros, que só vós entre os monges viveis segundo a regra, ao passo que os restantes não passam de transgressores da regra.

**II** — Antes de mais, que tendes a ver com os servos de outrém? É com o seu senhor se estão de pé ou se caiem (Rom, 14, 4). Quem vos constituiu juizes deles? (Lc. 12, 14). Por isso, se assim presumis da vossa Ordem, como se diz, que ordem há para que antes de tirar a vossa trave, tão curiosamente vos ponhais a procurar argueiros nos olhos dos irmãos? (Mt. 7, 13). Vós que vos gloriais da Regra, porque murmurais contrariando a Regra? Porque é que contra o Evangelho e contra o Apóstolo julgais antecipadamente os servos de outrem? (I Cor. 4,5). Pode ser que a Regra não concorde com o Evangelho ou com o Apóstolo? Nesse caso, a Regra já não é regra, porque não é recta. Escutai e aprendei a ordem, vós que contra a ordem criticais as outras Ordens. “Hipócrita, diz, tira primeiro a trave do teu olho e assim verás para tirar o argueiro do olho do teu irmão” (Mt. 7,3). Perguntas, que trave? Acaso não é grande e grosso o orgulho pelo qual te julgas ser algo, nada sendo; pelo qual a ti mesmo, como um louco, te exaltas de forma tresloucada e, levando a trave, insultas os outros de maneira orgulhosa por causa de argueiros? “Graças te dou, ó Deus, dizes tu, porque não sou como os restantes homens, injustos, ladrões, adúlteros!” (Lc. 18, 11). Continua, então, e diz: detractores. Nem sequer é um pequeníssimo argueiro entre outros. Como é que enumerando com tanta diligência os outros, calas este? Se o tens por nada ou mínimo, ouve o Apóstolo: “Nem os maledicentes, diz ele, possuirão o Reino de Deus” (I Cor. 6, 10). Ouve também Deus a ameaçar no Salmo: “Eu te acusarei, diz, e te porei face a ti mesmo” (Sl. 49 (50), 21). Pelas coisas ditas antes, é certo que fala ao detractor. E, na verdade, é com razão que deve questionar-se a si e ser obrigado a contemplar-se aquele que, afastando de si a vista, costuma perscrutar com mais curiosidade os males dos outros que os seus.

**VI. 12.** “At”, inquit, “quodomo Regulam tenent qui pelliciis induuntur, sani carnibus seu carniū pinguedine vescuntur, tria, vel quatuor pulmentaria una die, quod Regula prohibet, admittunt, opus manuum, quod iubet, non faciunt, multa denique pro libitu suo vel mutant, vel augent, vel minuunt?” Recte: non possunt haec negari; sed attendite in regulam Dei, cui utique non dissonat institutio sancti Benedicti. REGNUM, inquit, DE INTRA VOS EST, hoc est non exterius in vestimentis aut alimentis corporis, sed in virtutibus interioris hominis. Unde Apostolus: REGNUM DEI NON EST ESCA ET POTUS, SED IUSTITIA, ET PAX, ET GAUDIUM IN SPIRITU SANCTO; et rursus: REGNUM DEI NON EST IN SFRMONE, SED IN VIRTUTE. De corporalibus itaque observantiis patribus calumniam struitis, et quae maiora sunt Regulae, spiritualia scilicet instituta, relinquitis, camelumque glutientes, culicem liquatis. Magna abusio! Maxima cura est, ut corpus regulariter induatur, et contra Regulam suis vestibus anima nuda deseritur. Cum tanto studio tunica et cuculla corpori procurentur, quatenus cui deerunt, monachus non putetur, cur similiter spiritui pietas et humilitas, quae profecto spiritualia indumenta sunt, non providentur? Tunicati et elati abhorremus pellicias, tamquam melior non sit pellibus involuta humilitas quam tunicata superbia, praesertim cum et Deus tunicas pelliceas primis hominibus fecerit, et Ioannes in eremo zona pellicea lumbos accinxerit, et ipse tunicarum institutor in solitudine, non tunicis, sed pellibus sese induerit. Repleti deinde ventrem faba, mentem superbia, cibos damnamus saginatos, quasi non melius sit exiguo sagimine ad usum vesci, quam ventoso legumine usque ad ructum exsaturari, praecipue cum et Esau non de carne, sed de lente sit reprehensus, et de ligno Adam, non de carne damnatus, et Ionathas

VI. 12 — “Mas, dizem-me, como observam a Regra os que se vestem de peles, os sãos que se alimentam de carnes ou gordura de carnes, admitem tres ou quatro refeições num só dia, o que é proibido pela Regra <sup>3</sup>, não executam o trabalho das mãos que ela prescreve, por último, a seu prazer, muitas coisas mudam ou aumentam ou diminuem?” Correcto: isso não pode negar-se. Mas estai atentos à regra de Deus, da qual, com certeza, não destoa a determinação de S. Bento: “O Reino de Deus, diz, está dentro de vós” (Lc. 17, 21), isto é, não na exterioridade do vestir ou dos alimentos do corpo mas nas virtudes do homem interior. Razão por que diz o Apóstolo: “O Reino de Deus não é comida e bebida mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (Rom. 14, 17); e de novo: “O Reino de Deus não consiste em palavras mas em virtude” (I Cor. 4, 20). Por conseguinte, levantais calúnias aos padres acerca das observâncias corporais e deixais as coisas maiores da Regra, a saber, as determinações espirituais; engolis o camelo, coais o mosquito (Mt. 23, 24). Grande abuso! Preocupação máxima é vestir regularmente o corpo e, contra a Regra, deixar a alma despida das suas vestes. Com enorme cuidado procuramos túnica e cogula para o corpo, a ponto de não ser tido como monge o que as não tiver; porque razão não se providenciam para o espírito, de igual modo, a piedade e a humildade, que, sem dúvida, são vestes espirituais? Revestidos da túnica e orgulhosos disso, aborrecemos as roupas de pele como se a humildade envolta em peles não fosse melhor do que um orgulho coberto com a túnica, sobretudo tendo Deus feito aos primeiros homens túnicas de peles (Gn. 3, 21) e João no deserto cingido os rins com cinto de pele (Mt. 3,4; Mc. 1,6), e o mesmo que instituiu as túnicas no deserto, se tivesse vestido não de túnicas mas de peles. Depois, tendo a barriga cheia de favas e o espírito cheio de orgulho, condenamos os alimentos suculentos, como se não fosse melhor alimentar-se de um pouco de gordura do que encher-se de legumes flatulentos até arrotar, quando, afinal, Esaú foi censurado não por causa da carne mas pelas lentilhas (Gn. 25, 29-34; Hb. 12, 16), Adão condenado por causa da árvore e não pela carne (Gn. 3, 17), Jónatas condenado

<sup>3</sup> S. BENTO — *Regra dos Monges*, Singeverga, Edições “Ora & Labora”, 1992, Capítulos 36, 39, 55. Os cluniacenses tinham o costume de preparar os legumes com gorduras sem atender aos dias de jejum, mas Pedro Venerável proibiu o uso de gorduras às sexta-feiras, dias de Advento e Quaresma, excepto ao Domingo (*Estatutos*, X, XV).

ex gustu mellis, non carnis, morti adiudicatus, econtra vero Elias innoxie carnem comederit, Abraham angelos gratissime carnibus paverit, et de ipsis sua fieri sacrificia Deus praeceperit. Sed et satius est modico vino uti propter infirmitatem, quam multa aqua ingurgitari per aviditatem, quia et Paulus Timotheo modico vino utendum consuluit, et Dominus ipse bibit, ita ut vini potator appellatus sit, Apostolis quoque bibendum dedit, insuper et ex eo sacramento sui sanguinis, condidit, cum e contrario aquam ad nuptias bibi non passus sit, et ad aquas contradictionis populi murmur terribiliter castigaverit, David quoque aquam, quia desideraverat, potare timuerit, virique illi Gedeonis, qui prae aviditate toto corpore prostrato de flumine biberunt, digni ad praelium ire non fuerint. Iam vero de labore manuum quid gloriamini, cum et Martha laborans increpata, et Maria quiescens laudata sit, et Paulus aperte dicat : LABOR, CORPORIS AD MODICUM VALET, PIETAS AUTEM AD OMNIA? Optimus labor, de quo Propheta dicebat: LABORA VI IN GEMITU MEO, et de quo alibi: MEMOR FUI DEI, ET DELECTATUS SUM, ET EXERCITATUS SUM; ac ne corporale intelligas exercitium: ET DEFECIT, inquit, SPIRITUS MEUS. Unde autem non corpus, sed spiritus fatigatur, spiritualis procul dubio labor intelligitur.

**VII. 13.** “Quid ergo”, inquis? “Siccine illa spiritualia persuades, ut etiam haec, quae ex Regula habemus, corporalia damnes?., Nequaquam; sed illa oportet agere, et ista non omittere. Alioquin, cum aut ista omitti necesse est aut illa, ista potius omittenda sunt quam illa. Quanto enim spiritus corpore melior est, tanto spiritualis quam corporalis exercitatio fructuosior. Tu ergo cum de horum observatione elatus, aliis eadem non observantibus derogas, nonne te magis transgressorem Regulae indicas, cuius licet minima quaedam tenens, meliora devitas, de quibus Paulus: AEMULAMINI, ait, CHARISMATA MELIORA? Detrahendo quippe fratribus, in quo temetipsum extollis, perdis humilitatem; in quo alios deprimis, caritatem: quae sunt procul dubio charismata meliora. Tu

à morte por ter provado mel e não carne (I Sm. 14, 29); pelo contrário, Elias, sem cometer pecado (I Re, 17, 6), comeu carne, Abraão gratificou os anjos com carnes Gn. 18, 7), e dela mandou Deus que se lhe fizessem sacrifícios (Ex. 20, 24; 29, 1). Também é melhor saciar-se com um pouco de vinho por causa da enfermidade do que encher-se de água por avidez, pois até Paulo aconselhou Timóteo a beber um pouco de vinho (I Tm. 5, 23) e o próprio Senhor dele bebeu (Mt. 26, 27), a ponto de ser chamado ébrio (Mt. 11, 19; Lc. 7, 34). Deu-o depois a beber aos Apóstolos (Jo. 2, 11) e, mais ainda, com ele instituiu o sacramento do seu sangue (Mt. 26, 27; I Cor. 10, 5); pelo contrário, não permitiu que nas bodas bebessem água (Jo. 2, 3), castigou de maneira terrível o povo que murmurava junto das Águas da Contradição (Nm. 20, 6). David receou beber a água que tinha desejado (2 Sm. 23, 16), e os homens de Gedeão que, por causa da avidez, se prostraram de corpo inteiro para beber da torrente não foram dignos de avançar para o combate. (Jz. 7, 5). Já gora, porque vos gloriais do trabalho das mãos, quando Marta trabalhando foi censurada e Maria descansando foi louvada (Lc. 10, 41-42) e Paulo abertamente diz: “O trabalho do corpo pouco vale, a piedade é útil para tudo” (II Tm. 4, 8)? Ótimo é o trabalho de que dizia o Profeta: “Trabalhei no meu gemido” (Sl. 6, 7) e noutro passo: “Lembrei-me de Deus, deleitei-me e exercitei-me” (76 (77), 4). E, para que não interpretes isso como exercício corporal, diz: “Desfaleceu o meu espírito” (Sl. 76 (77), 4). Sem dúvida alguma, entende-se como trabalho espiritual aquele com que se fatiga não o corpo mas o espírito.

**VII. 13** — “Que fazer, pois”, dizes? “Será que assim aconselhas as coisas espirituais para condenares mesmo estas coisas corporais que nos prescreve a Regra?” De maneira nenhuma; convém fazer aquelas e não omitir estas (Mt. 23, 23; Lc. 11, 42). De contrário, caso seja necessário omitir estas ou aquelas, mais vale omitir estas que aquelas. De facto, o exercício espiritual é tanto mais fructuoso que o corporal, quanto o espírito é superior ao corpo. Quando tu, orgulhoso da observância destas coisas, criticas os que as não praticam, não te mostras mais transgressor da Regra (Tg. 2, 11) pois, observando até as coisas mínimas, evitas as melhores, de que diz o Apóstolo: “Rivalizai nos melhores carismas”? (I Cor. 12, 31) Rebaixando os irmãos, com o que te exaltas a ti próprio, perdes a humildade; naquilo com que os deprecias, a caridade; esses são, indiscutivelmente, os melhores carismas. Tu

tuum corpus multis nimiisque laboribus atteris, ac regularibus asperitatibus mortificas membra tua, quae sunt super terram. Bene facis. Sed quid si ille quem similiter non laborantem diiudicas, modicum quidem habeat de hac, quae ad modicum utilis est, corporali videlicet exercitatione, amplius autem quam tu de illa, quae ad omnia valet, id est pietate? Quis, quaeso, vestrum Regulam melius tenet? Annon melius qui melior? Quis vero melior, humilior an fatigatior? Annon is qui a Domino didicit mitis esse et humilis corde, qui et cum Maria optimam partem elegit, quae non auferetur ab eo?

14. Quod si Regulam ab omnibus, qui eam professi sunt, sic ad litteram tenendam censes, ut nullam omnino dispensationem admitti patiaris, audacter dico, nec tu eam, nec ille tenetis. Nam etsi ille, quantum quidem pertinet ad observationes corporeas, in pluribus offendit, impossibile est tamen te quoque vel in uno non transgredi. Scis autem quia qui in uno offendit, omnium est reus. Sin vero concedis aliqua posse mutari dispensatorie, procul dubio et tu illam tenes, et ille, quamquam dissimiliter: nam tu quidem districtius, at ille fortasse discretius. Neque hoc dico, quia haec exteriora negligenda sint, aut qui se in illis non exercuerit, mox ideo spiritualis efficiatur, cum potius spiritualia, quamquam meliora, nisi per ista, aut vix, aut nullatenus vel acquirantur, vel obtineantur, sicut scriptum est: **NON PRIUS QUOD SPIRITUALE, SED QUOD ANIMALE, DEINDE QUOD SPIRITUALE.** Sicut nec Iacob, nisiprius cognita Lia, desideratos amplexus Rachel meruit obtinere. Unde rursus in Psalmo: **SUMITE PSALMUM ET DATE TYMPANUM,** quod est dicere: Sumite spiritualia, sed prius date corporalia. Optimus autem ille, qui discrete et congrue et haec operatur, et illa.

15. Iam vero, ut epistola remaneat, epistola finienda erat, quandoquidem et nostros, de quibus, Pater, conquestus estis, quod Ordini vestro detraherent, satis, quantum potui, stilo corripui, et me quoque ab huiusmodi falsa suspitione purgavi, ut debui. Sed quoniam, dum nostris minime parco, nonnullis de vestris nimium, in quibus non decet, videor assentire, pauca quae et vobis displicere cognovi, et omnibus bonis vitanda esse non dubito, necessarium reor subiungere: quae quidem, etsi fieri videntur in Ordine absit tamen

quebrantas com muitos e rudes trabalhos o teu corpo e mortificas com os rigores da regra os teus membros (Cl. 3, 5) que estão sobre a terra. Fazes bem! E se aquele que tu criticas por não trabalhar do mesmo modo tiver apenas um pouco deste exercício que pouco vale, isto é, um pouco do exercício corporal (I Tm. 4, 8), mas, em compensação, tiver mais do que tu daquele exercício que vale para tudo, isto é, tiver mais piedade? Pergunto, quem de vós observa melhor a Regra? Não a observa melhor o que é melhor? E quem é melhor: o mais humilde ou o mais cansado? Não é aquele a quem o Senhor ensinou a ser “manso e humilde de coração” (Mt. 11, 29) e que com Maria “escolheu a melhor parte que não lhe será tirada” (Lc. 10, 41)?

14 — Ora, se julgas que a Regra deve ser assim à letra observada por todos os que a professaram, de modo que não admitas nenhuma dispensa, digo com ousadia que nem tu nem ele a observais. Com efeito, ainda que ele a transgrida em vários pontos que dizem respeito às observâncias corporais, é impossível que também tu a não transgridas nem que seja num só (Tg. 2, 10). Sabes, porém, que o que a transgride num só é réu de todos (Tg. 2, 10). Se, contudo, concedes que algo se pode mudar por dispensa, então não há dúvida de que tanto tu como ele a observais, embora de maneira diferente; tu com mais rigor, ele, talvez, com mais discernimento. E não digo isto porque se devam negligenciar as coisas exteriores, ou porque aquele que nelas se não exercitar logo se torne espiritual; pelo contrário, as coisas espirituais, ainda que melhores, se não for por estas, dificilmente ou de maneira alguma se adquirem ou obtêm, como está escrito: “Não foi o espiritual que foi criado primeiro mas o que é animal; depois é que foi o espiritual” (I Cor. 15, 46). Tão pouco Jacob mereceu obter os desejados abraços de Raquel antes de ter conhecido Lia (Gn.29, 23). Por isso, de novo, no Salmo: “Tomai o sal-tério, fazei ressoar o tímpano” (Sl.79 (80), 2), o que equivale a dizer: tomai as coisas espirituais mas primeiro começai pelas corporais. Ótimo, porém, é aquele que equilibrada e convenientemente pratica estas e aquelas.

15 — Já agora deveria terminar esta carta para ela ficar uma carta. Por vezes com vigor de estilo bastante, tanto quanto pude, reprimi os nossos, de que vos queixastes, Padre, por rebaixarem a vossa Ordem; eu próprio me justifiquei, como devia, de tal falsa suspeita. Mas, pois que, enquanto nada poupo aos nossos, pareço concordar excessivamente com os vossos em coisas que não convém, julgo necessário acrescentar umas tantas coisas que reconheço

ut sint de Ordine. Nullus quippe ordo quippiam recipit inordinatum; quod vero inordinatum est, ordo non est. Unde non adversum Ordinem, sed pro Ordine disputare putandus ero, si non Ordinem in hominibus, sed hominum vitia reprehendo. Et quidem diligentibus Ordinem in hac re molestum me fore non timeo: quinimmo gratum procul dubio accepturi sunt, si persequimur quod et ipsi oderunt. Si quibus vero displicuerit, ipsi se manifestant, quia Ordinem non diligunt, cuius utique corruptionem, id est vitia damnari nolunt. Ipsi itaque illud Gregorianum respondeo: MELIUS EST UT SCANDALUM ORIATUR, QUAM VERITAS RELINQUATUR.

HUCUSQUE CONTRA DETRACTORES.

#### INCIPIIT CONTRA SUPERFLUITATES

**VIII. 16.** Dicitur, et veraciter creditur, sanctos Patres illam vitam instituisse et, ut in ea plures salvarentur, usque ad infirmos Regulae temperasse rigorem, non Regulam destruxisse. Absit autem ut credam tantas eos, quantas video in plerisque monasteriis, vanitates ac superfluitates praecepisse vel concessisse. Miror etenim unde inter monachos tanta intemperantia in comensationibus et potationibus, in vestimentis et lectisterniis, et equitaturis, et construendis aedificiis inolescere potuit, quatenus ubi haec studiosius, voluptuosius atque effusius fiunt, ibi ordo melius teneri dicatur, ibi maior putetur religio. Ecce enim parcitas putatur avaritia, sobrietas austeritas creditur, silentium tristitia reputatur. Econtra remissio discretio dicitur, effusio liberalitas, loquacitas affabilitas, cachinnatio iucunditas, mollities vestimentorum et equorum fastus honestas, lectorum superfluus cultus munditia, cumque haec alterutrum impendimus, caritas appellatur. Ista caritas destruit caritatem, haec discretio discretionem confundit. Talis misericordia crudelitate plena est, qua videlicet

também vos desagradar e não duvido de que devem ser evitadas por todos os bons; essas coisas parecendo que são feitas na vossa Ordem, Deus não permita que sejam da Ordem. Na realidade, nenhuma ordem aceita algo de desordenado; o que é desordenado não é ordem. Por consequência, não me devem considerar como disputando contra a Ordem mas pela Ordem, se, acaso, repreendo não a Ordem nos homens mas os vícios dos homens. A este respeito, não temo ser tido por molesto pelos que amam a Ordem; pelo contrário, certamente me hão-de aceitar de bom grado se perseguir o que a eles próprios é odioso. Se, de facto, a alguns desagradar, eles mesmos mostram que não amam a Ordem, já que não querem condenar a corrupção, isto é, os vícios. A esses respondo com aquele dito de Gregório: “É melhor que apareça o escândalo que se deixe a verdade”<sup>4</sup>.

Até aqui contra os detractores.

### **Começa contra as superficialidades**

**VIII. 16** — Diz-se, e crê-se como verdade, que os santos Patres instituíram aquela vida (cluniacense) e, para que nela muitos se salvassem, temperaram o rigor da Regra como para enfermos, sem a destruir. Não acredito, contudo, que tenham ordenado ou permitido tantas vaidades e superficialidades quantas vejo em vários mosteiros. Admiro-me, por isso, como é que pôde introduzir-se entre os monges uma tão grande intemperança nas comidas e bebidas, nas vestes e roupas de dormir, nos apetrechos de cavalgar e na construção de edifícios; e onde isso se faz com mais zelo, com mais gosto e com mais abundância aí se afirma que a ordem melhor está, aí se julgue que há mais religião. A ser assim, a parcimónia é tida como avareza, a sobriedade julgada como austeridade, o silêncio reputado como tristeza. Pelo contrário, o relaxamento diz-se discreção, o desperdício liberalidade, a loquacidade afabilidade, a gargalhada alegria, a delicadeza das vestes e o adorno dos cavalos dignidade, o cuidado supérfluo das camas limpeza e darmos isto uns aos outros chama-se caridade. Esta caridade destrói a caridade, esta discreção confunde a discreção. Tal misericórdia está cheia de crueldade pela qual

---

<sup>4</sup> S. GREGÓRIO MAGNO — *Homilia in Ezechielem*, I, VII, 5, “PL”, 76, 842.

ita corpori servitur, ut anima iuguletur. Quae etenim caritas est, carnem diligere et negligere spiritum, quaeve discretio, totum dare corpori et animae nihil? Qualis vero misericordia, ancillam reficere et dominam interficere? Nemo pro huiusmodi misericordia speret se consequi misericordiam, quae misericordibus promittitur in Evangelio, Veritatis ore dicentis: BEATI MISERICORDES, QUONIAM IPSI MISERICORDIAM CONSEQUENTUR; sed certissime potius poenam exspectet, quam tali, ut ita dicam, impio misericordiae sanctus Iob magis prophetando quam affectando imprecat:

NON SIT, INQUIENS, IN RECORDATIONE, SED CONTERATUR QUASI LIGNUM INFRUCTUOSUM. Dignae plane retributionis causam mox subinfert satis idoneam, dicens: PAVIT ENIM STERILEM ET QUAE NON PARIT, ET VIDUAE BENE NON FECIT.

17. Inordinata profecto atque irrationabilis misericordia est, sterilis et infructuosae carnis, quae iuxta Domini verbum, NON PRODEST QUIDQUAM et, secundum Apostolum, REGNUM DEI NON POSSIDEBIT, adimplendis invigilare desideriis, et de animae cura Sapientis saluberrimum non curare consilium, admonentis atque dicentis: MISERERE ANIMAE TUAE, PLACENS DEO. Bona misericordia, misereri animae tuae, nec potest non mereri misericordiam, qua fit ut placeas Deo. Alias autem non est misericordia, sicut iam dixi, sed crudelitas; non est caritas, sed iniquitas; non est discretio, sed confusio, sterilem quae non parit pascere, id est, inutilis carnis concupiscentiis inservire, et viduae nil boni facere animae videlicet excolendis virtutibus nullam operam dare. Quae utique, licet interim Sponso sit viduata caelesti, sensus tamen de Spiritu Sancto concipere et parere non desinit immortales, qui videlicet incorruptibilis caelestisque hereditatis valeant esse capaces, sed si pium habeant studiosumque cultorem.

18. Sub hac tamen abusione iam fere ubique sic pro ordine tenentur, fere iam ita ab omnibus sine querela atque irreprehensibiliter observantur, quamquam dissimiliter. Nonnulli quippe his omnibus tamquam non utentes utuntur, et ideo aut cum nulla offensa, aut cum minima. Aliquantum quippe haec agunt ex simplicitate, aliquanti ex caritate, aliquanti ex necessitate: quidam namque simpliciter ista tenent, quoniam sic eis praecipitur, parati aliter

se serve ao corpo e se estrangula a alma. Que caridade é, na verdade, amar a carne e desprezar o espírito, que discreção é essa dar tudo ao corpo e nada à alma? Qual misericórdia, qual quê alentar a criada e matar a patroa? Ninguém espere por tal misericórdia conseguir a misericórdia que no Evangelho é prometida aos misericordiosos pela boca da Verdade que diz: “Felizes os misericordiosos porque eles alcançarão misericórdia” (Mt. 5, 7); espere antes, de certeza, o castigo que, por assim dizer, para tal ímpio misericordioso impetrava o santo Job mais por espírito profético que por afectação, dizendo: “Não seja recordado mas arrancado como árvore estéril” (Jb. 24, 20). Logo depois refere a causa mais que adequada de retribuição tão inteiramente digna, dizendo: “Alimentou uma estéril incapaz de dar à luz e não fez bem à viúva” (Jb. 24, 21).

**17** — Por certo que desordenada e irracional misericórdia é cuidar que se cumpram os desejos da carne estéril e infrutífera, a qual, segundo a palavra do Senhor, “nada aproveita” (Jo. 6, 64) e, segundo o Apóstolo, “não possuirá o Reino de Deus” (I Cor. 15, 50) e não atender ao salubérrimo conselho do Sábio a propósito do cuidado da alma advertindo e dizendo: “Tem compaixão da tua alma, agradando a Deus” (Eclo. 30, 24). A boa misericórdia, ter compaixão da tua alma, não pode deixar de merecer a misericórdia pela qual possas agradar a Deus. De contrário, não é misericórdia, como já disse, mas crueldade; não é caridade mas iniquidade; não é discreção mas confusão, apascentar uma estéril que não dá à luz, isto é, servir às concupiscências duma carne inútil e não fazer qualquer bem a uma viúva (Jb. 24, 21), nomeadamente não se preocupar em cultivar as virtudes da alma. Embora esta, entrementes, tenha ficado viúva do celeste Esposo, não deixa, contudo, de conceber do Espírito Santo (Lc.1, 31. 35) e dar à luz os imortais pensamentos que possam ser capazes da herança incorruptível e celeste, se, de facto, tiverem um cultor piedoso e zeloso.

**18** — Estes abusos, todavia, quase já por toda a parte, em qualquer ordem, se encontram, quase são observados por todos sem discussão nem repreensão, embora de forma diferente. Não poucos usam de tudo isto como se não usassem (I Cor. 7, 31) e, portanto, quase sem nenhuma ou pelo menos com a mínima falta. Alguns fazem isto por simplicidade, alguns por caridade, alguns por necessidade: de facto, uns tantos simplesmente fazem isso porque lhes é mandado, prontos a agir doutro modo se outra coisa lhes mandassem;

agere, si aliter pracciperetur; quidam autem, ne discorditer ab eis vivant cum quibus habitant, sectantes in his non suam libidinem, sed aliorum pacem; alii vero, quia resistere non valent multitudini contradicentium, qui haec utique tamquam pro ordine libera voce defendunt; et quoties isti aliqua, prout ratio dictat, restringere vel mutare incipiunt, illi mox tota eis auctoritate resistunt.

**IX. 19.** Quis in principio, cum Ordo coepit monasticus, ad tantam crederet monachos inertiam devenire? O quantum distamus ab his, qui in diebus Antonii exstiterent monachi! Siquidem illi cum se invicem per tempus ex caritate reviserent, tanta ab invicem aviditate panem animarum percipiebant, ut, corporis cibum penitus obliti, diem plerumque totum ieiunis ventribus, sed non mentibus transigerent. Et hic erat rectus ordo, quando digniori parti prius inserviebatur; haec summa discretio cum amplius sumebat quae maior erat; haec denique vera caritas, ubi animae, quarum caritate Christus mortuus est, tanta sollicitudine refocillabantur. Nobis autem convenientibus in unum, ut verbis Apostoli utar, IAM NON EST DOMINICAM CENAM MANDUCARE. Panem quippe caelestem nemo qui requirat, nemo qui tribuat. Nihil de Scripturis, nihil de salute agitur animarum; sed nugae, et risus, et verba proferuntur in ventum. Inter prandendum quantum fauces dapibus, tantum aures pascuntur rumoribus, quibus totus intentus, modum nescias in edendo.

## DE COMMESSATIONE

**20.** Interim autem ferc ula ferculis apponuntur, et pro solis carnibus, a quibus abstinetur, grandia piscium corpora duplicantur. Cumque prioribus fueris satiatus, si secundos attigeris, videberis tibi necdum gustasse pisces. Tanta quippe accuratione et arte coquorum cuncta apparantur, quatenus, quatuor aut quinque ferculis devoratis, prima non impediam novissima, nec satietas minuatur appetitum. Palatum quippe, dum novellis seducitur condimentis, paulatim disuescere cognita, et ad succos extrancos, veluti adhuc ieiunum, avidè renovatur in desideria. Venter quidem, dum nescit, oneratur; sed vari-

outros tantos, porém, para não viverem em desacordo com os que consigo habitam, procuram nisto não a sua satisfação mas a paz dos outros; muitos ainda porque não conseguem resistir à multidão dos que discordam e defendem isto com toda a liberdade como se fizesse parte da ordem; e quando aqueles, conforme a razão aconselha, começam a restringir ou mudar alguma coisa, logo estes lhes resistem com toda a autoridade.

**IX. 19** — Quem é que no princípio, quando começou a Ordem monástica, teria pensado que os monges pudessem chegar a tal relaxamento? Oh! como estamos longe dos monges do tempo de Antão! Quando eles, por caridade, se visitavam, recebiam com tal avidez uns dos outros o pão das almas que, de todo esquecidos do pão do corpo, passavam o mais das vezes o dia inteiro em jejum de ventre que não de mente. Esta era a ordem correcta quando, em primeiro lugar, serviam à parte mais digna.; esta era, enfim, a verdadeira caridade quando as almas, por amor das quais Cristo morreu, se alimentavam com tanta solicitude. Nós, porém, reunindo-nos em comunidade, para usar as palavras do Apóstolo, “já não é para comer a Ceia do Senhor” (I Cor. 11, 20). Não há quem queira o pão do Céu, não há quem o dê. Não se conversa acerca das Escrituras nem acerca da salvação das almas; apenas se espalham brincadeiras, risadas e palavras ao vento. Durante as refeições, tanto as bocas se enchem de alimentos quanto os ouvidos de rumores, atento aos quais, até se perde a medida no comer.

### **Das refeições**

**20** — Entretanto, trazem-se pratos de comida uns após outros e, em vez dum simples prato de carnes, de que se faz abstinência, servem-se dois grandes peixes. E quando estiveres farto dos primeiros, se passares aos segundos, parecer-te-á que ainda nem provaste o peixe. Com tanta arte e cuidado as coisas são preparadas pelos cozinheiros que, depois de se ter devorado quatro ou cinco pratos, os primeiros não impedem os últimos nem a saciedade diminui o apetite. O paladar, deixando-se seduzir por novos condimentos, pouco a pouco vai esquecendo os já provados e, como se estivesse ainda em jejum, é com avidez atraído pelo desejo de sabores estranhos. A barriga, sem dar por ela vai-se enchendo, mas a variedade tira o fastio. Com efeito enfas-

etas tollit fastidium. Quia enim puras, ut eas natura creavit, epulas fastidimus, dum alia alijs multifarie permiscentur, et spretis naturalibus, quos Deus indidit rebus, quibusdam adulterinis gula provocatur saporibus, transitur nimirum meta necessitatis, sed necdum delectatio superatur.

Quis enim dicere sufficit, quot modis, ut cetera taceam, sola ova versantur et vexantur, quanto studio evertuntur, subvertuntur, liquantur, durantur, diminuuntur, et nunc quidem frixa, nunc assa, nunc farsa, nunc mixtim, nunc singillatim apponuntur? Ut quid autem haec omnia, nisi ut soli fastidio consulatur? Ipsa deinde qualitas rerum talis deforis apparere curatur, ut non minus aspectus quam gustus delectetur, et cum iam stomachus crebris ructibus repletum se indicet, necdum tamen curiositas satiatur. Sed dum oculi coloribus, palatum saporibus illiciuntur, infelix stomachus, cui nec colores lucent, nec sapes demulcent, dum omnia suscipere cogitur, oppressus magis obruitur quam reficitur.

## DE POTATIONE

21. Iam vero de aquae potu quid dicam, quando ne ullo quidem pacto vinum aquatum admittitur? Omnes nimirum, ex quo monachi sumus, infirmos stomachos habemus, et tam necessarium Apostoli de utendo vino consilium merito non negligimus, MODICO tamen, quod ille praemisit, nescio cur praetermisso. Et utinam vel solo, cum etiam purum est, contenti essemus! Pudet dicere, sed magis pudeat actitari; et, si pudet audiri, non pudeat emendaria. Videas uno in prandio ter vel quater semiplenum calicem reportari, quatenus diversis vinis magis odoratis quam potatis, nec tam haustis quam attactis, sagaci probatione et celeri cognitione unum tandem e pluribus, quod fortius sit, eligatur. Quale est autem illud, quod nonnulla monasteria ex more observata dicuntur, in magnis videlicet festis vina delibuta melle, pigmentorum respersa pulveribus, in connentu bibere? Numquid et hoc fieri dicemus propter infirmitatem stomachi? Ego vero ad nihil aliud valere video, nisi ut vel amplius bibatur, vel delectabilius. Sed cum venae vino fuerint ingurgita-

tiamo-nos dos alimentos puros, como a natureza os criou, enquanto de muitos modos, se fazem misturas dumas coisas com outras, e, desprezando os sabores naturais (Rm, 1, 27) que Deus lhes inculciu, provoca-se a gula com sabores adulterados, passam-se os limites do necessário e nem assim se supera o prazer. Quem seria capaz de dizer de quantos modos, para calar o demais, só os ovos se deitam e batem, com que cuidado se viram, se reviram, mal passados, bem passados, se reduzem e se servem ora cozidos, ora estrelados, ora recheados, ora mexidos, ora sós? Para quê tudo isso, senão para prevenir o fastio? Depois, cuida-se em fazer aparecer à vista a qualidade das coisas para que uma pessoa não se deleite menos na apresentação que no gosto e quando já o estômago se mostra cheio com grandes arrotos ainda não se satisfaz a curiosidade. Mas, enquanto os olhos são seduzidos pelas cores, o paladar pelos sabores, o pobre estômago, que nem conhece as cores nem aprecia os sabores, é obrigado a receber tudo e violentado, fica mais sobre-carregado do que refeito.

### Da bebida

21 — Já agora, que direi da bebida da água, quando, de maneira nenhuma, se admite vinho aguado? Todos, sobretudo desde que somos monges, temos um estômago débil nós que, com razão, não desprezamos o conselho tão necessário do Apóstolo acerca do uso do vinho; não sei, porém, porque nos esquecemos de que ele recomenda apenas “um pouco” (I Tm. 5, 23). E oxalá nos contentássemos com ele só, mesmo quando é puro! Causa vergonha dizê-lo, mas mais fazer cenas; e se mete vergonha ouvi-lo, não haja vergonha em emendar-se. Vê-se numa mesma refeição trazer tres ou quatro vezes o cálice semi-cheio, mais para cheirar os diversos vinhos que para os beber, saboreando-os mais que haurindo-os, escolhendo-se, finalmente, depois duma prova hábil e com um conhecimento rápido, dentre vários um que seja o mais forte. Que costume é aquele que se diz ser observado em alguns mosteiros de, nas grandes festas, beber em comunidade vinhos aromatizados com mel, misturados com pós de corantes? Porventura também isso se faz por causa da fraqueza do estômago? Eu penso que isso só serve para que se beba mais e com mais prazer. Mas quando as veias estiverem

tae, toto in capite palpitantes, sic surgenti a mensa quid aliud libet, nisi dormire? Si autem ad vigiliis indigestum surgere cogis, non cantum, sed plancum potius extorquebis. 22. Cum vero ad lectum devenero, requisites incommodum plango, non crapulae peccatum, sed quod manducare non queo.

DE HIS QUI, INFIRMITATE NON EXSPECTATA,  
IN DOMO INFIRMORUM PAUSARE CONSUERUNT

Ridiculum vero est, si tamen verum est, quod relatum est mihi a pluribus, qui hoc se pro certo scire dicebant: reticendum esse non arbitror. Aiunt enim incolumes ac validos iuvenes. conventum solere deserere in domo se infirmorum, qui infirmi non sunt, collocare, carniū esu, qui vix aegrotis dumtaxat et omnino debilibus ex Regulae discretione pro viriū reparatione conceditur, non quidem corporis infirmantis ruinas reficere pro incommodo, sed carnis luxuriantis curam perficere in desiderio. Rogo quae est haec securitas, inter frendentium undique hostium fulgurantes hastas et circumvolantia spicula, tamquam finito iam bello et triumphato adversario, proicere arma, et aut prandiis incubare longioribus, aut nudum molli volutari in lectulo? Quid hoc ignaviae est, o boni milites? Sociis in sanguine et caede versantibus, vos aut cibos diligitis delicatos, aut somnos capitis matutinos? Aliis, inquam, nocte et die cura pervigili festinantibus redimere tempus, quoniam dies mali sunt, vos e contrario et longas noctes dormitando consumitis, et dies fabulando ducitis otiosos? An dicitis: PAX, ET NON EST PAX? Cur vel non verendum ad exprobrationem apostolicae indignationis? NONDUM ENIM, ait, RESTITISTIS USQUE AD SANGUINEM. Immo iam ad eiusdem terribilis valde comminationis tonitruum cur non expergiscimini? CUM DIXERINT, inquit: PAX ET SECURITAS, TUNC REPENTINUS EIS SUPERVENIET INTERITUS, SICUT DOLOR IN UTERO HABENTIS, ET NON EFFUGIENT. Delicata nimis medicina est, prius alligari quam vulnerari, membrum non percussum plangere, et necdum suscepto ictu admovere manum, fovere unguento ubi non dolet, emplastrum adhibere ubi caesura non est.

saturadas de alcool e toda a cabeça a palpitar, levantando-se da mesa que é que apetece senão dormir? Ora, se és obrigado a levantar-te para as vigílias com a digestão por fazer, não executarás o canto mas antes o pranto. Indo para a cama, se me perguntarem porquê, lamento o incómodo não o pecado da crápula, dizendo que não posso comer.

### **Dos que, sem doença, se habituaram a repousar na enfermaria**

22 — É ridículo, se verdadeiro, o que me foi relatado por muitos, que diziam sabê-lo de certeza, e que eu julgo não dever calar. Dizem, com efeito, que jovens sãos e válidos costumam deixar a comunidade indo para a casa dos enfermos, eles que não estão doentes, para poderem comer carne; essa, que é concedida pela Regra<sup>5</sup> só aos doentes e muito fracos afim de reparar as forças, eles comem-na não para refazer as ruínas dum corpo debilitado pela doença mas com desejo de aperfeiçoar a boa aparência do corpo. Pergunto, que segurança é esta no meio de lanças fulgurantes (Na. 3, 3) e dardos voltejantes de inimigos a bramir de todos os lados, a qual leva a pôr de lado as armas, como se a guerra tivesse acabado e o inimigo estivesse vencido e a sentar-se em refeições demoradas ou a revolver-se nú numa cama mole? Que frouxidão é essa, ó bons soldados? Com companheiros em perigo de sangue e de morte gostais de alimentos delicados e sonos matutinos? Com outros, digo, dia e noite em cuidado vigilante apressados a remir o tempo, pois os dias são maus (Ef. 5, 16), vós, pelo contrário, gastais as noites em longas sonecas e passais os dias ociosos em conversas inúteis? Acaso dizeis: “Paz e não há paz” (Jr. 6, 14; Ez.13,10)? Porque não vos envergonhais com a censura indignada que vos faz o Apóstolo? Ele diz, “ainda não resististes até ao sangue” (Hb. 12, 4). Antes, porque não despertais ao ouvir o trovão de tão terrível ameaça? Ele diz: “Quando disserem: paz e segurança, então lhes sobrevirá uma desgraça repentina, como a dor no útero da parturiente, e não escaparão” (I Ts. 5, 3). Medicina demasiado delicada é primeiro ser ligado que ferido, gemer por um membro não ferido e aparar com a mão a um golpe que não foi desferido, friccionar com óleo onde não há dor, pôr um emplastro onde não há corte.

---

<sup>5</sup> S. BENTO — *Regra dos Monges*, Capítulos 36, 9; 39, 10.

23. Ad discernendum deinde inter sanos et male habentes, baculos in manibus gestare iubentur aegrotantes, plane necessarios, ut quam pallor in vultu maciesque non indicat, baculus sustentam mentiatur in valetudinem. Ridendas an lugendas dixerim huiuscemodi ineptias? Sic Macarius vixit? Sic Basilius docuit? Sic Antonius instituit? Sic Patres in Aegypto conversati sunt? Sic denique sancti Odo, Maiolus, Odilo, Hugo, quos se sui utique Ordinis principes et praeceptores habere gloriantur, aut tenuerunt, aut teneri censuerunt? Sed hi omnes, si sancti, immo quia sancti fuerunt, a sancto Apostolo non dissenserunt, qui nimirum ita loquitur: HABENTES VICTUM ET VESTITUM, HIS CONTENTI SUMUS. Nobis autem est pro victu satietas, nec vestitum appetimus, sed ornatum.

#### DE VESTITU SUPERFLUO VEL SUPERBO

X. 24. Quacritur ad induendum, non quod utilius, sed quod subtilius invenitur. non quod repellat frigus, sed quod superbire, compellat; non denique iuxta Regulam, quod vilius comparari potest, sed quod venustius, immo vanius ostentari. Heu me miserum qualemcumque monachum! Cur adhuc vivo videre ad id devenisse Ordinem nostrum, Ordinem scilicet qui primus fuit in Ecclesia, immo a quo coepit Ecclesia, quo nullus in terra similior angelicis ordinibus, nullus vicinior ei quae in caelis est Ierusalem mater nostra, sive ob decorem castitatis, sive propter caritatis ardorem, cuius Apostoli institutores, cuius hi, quos Paulus tam saepe sanctos appellat, inchoatores exstiterunt? Et quidem inter illos cum nihil quod suum esset quispiam retinisset, DIVIDEBATUR, Ut scriptum est, SINGULIS PROUT CUIQUE OPUS ERAT, non igitur quod quisque pueriliter gestire poterat. Sane ubi tantum quod opus erat accipiebatur, ibi procul dubio nihil otiosum admittebatur, quanto magis nihil curiosum, quanto magis nihil superbum. QUOD OPUS, inquit ERAT: hoc est, quantum ad indumenta, quod et nuditatem teget et

23 — Para distinguir, pois, entre sãos e doentes (Mc. 2, 17), mandou-se que os doentes andassem de paus nas mãos, absolutamente necessários para que a invalidez, que a palidez do rosto e a magrez não mostram, a finja o pau que se sustenta na mão. Diria que tais loucuras fazem rir e chorar? Viveu assim S. Macário? Ensinou assim S. Basílio? Determinou assim Santo Antão? Viveram assim os Padres no Egito? Enfim, foi isso que os santos Odo, Maíolo, Odilão, Hugo, de quem se gloriam de ter por príncipes e mestres da sua Ordem, observaram e mandaram observar? Mas todos esses, se santos, antes por serem santos, não discordaram do santo Apóstolo que, de facto, assim fala: “Tendo que comer e vestir, com isso estamos satisfeitos” (I Tm. 6, 8). Nós, porém, temos em vez de alimento fartura e não procuramos com que nos vestir mas com que nos adornar.

### Da veste supérflua e vaidosa

X. 24 — Para vestir, procura-se não o que é mais útil mas o que se acha mais fino; não o que afasta o frio mas o que satisfaz o amor próprio; não, por último, o que, segundo a Regra<sup>6</sup>, se pode comprar de mais vil, mas o que mais elegante e até com mais vaidade se pode mostrar. Ai de mim, um miserável monge qualquer! Como é que ainda vivo para ver chegar a isto a nossa Ordem, esta Ordem que foi a primeira na Igreja, mais ainda, a partir da qual começou a Igreja, nunca houve na terra nenhuma mais semelhante às ordens angélicas, nenhuma mais próxima da Jerusalém que está nos céus, a nossa mãe (Ap. 21, 2; Gl. 4, 26), quer pelo decoro da castidade, quer pelo ardor da caridade, da qual foram instituidores os Apóstolos, da qual foram iniciadores aqueles que S. Paulo, tantas vezes, chama santos (Rm. 1, 7; 15, 25, etc.). E embora esses, entre si, nada tivessem como seu (Act. 4, 32), conforme está escrito “dividia-se a cada um segundo as suas necessidades” (Act. 4, 32. 35) e não como cada qual poderia infantilmente desejar. Com certeza que, onde se recebia tanto quanto se precisava, aí nada de ocioso se admitia, quanto mais de curioso, quanto mais de orgulhoso. “O que era preciso”, diz, isto é,

---

<sup>6</sup> IDEM — *Ibidem*, Capítulo 55, 7.

frigus repelleret. Putasne ibi cuiquam galabrunum aut isembrunum quaerebatur ad induendum, cuiquam mula ducentorum solidorum parabatur ad equitandum? Putasne, inquam, cuiuspiam ibi lectulum opertorium cattinum aut discolor barricanus operiebat, ubi SINGULIS DIVIDEBATUR tantum PROUT CUIQUE OPUS ERAT? Non illic arbitror valde curatum fuisse de pretio, de colore, de cultu vestimentorum, ubi tam indefessum inerat studium in concordia morum, animorum cohaerentia profectuque virtutum: MULTITUDINIS, inquit, CREDITIUM ERAT COR UNUM, ET ANIMA UNA.

25. Ubi nunc illud unanimatis exercitium? Fusi sumus exterius et, de regno Dei, quod intra nos est, relictis veris ac perennibus bonis, foris quaerimus vanam consolationem de vanitatibus et insaniis falsis, ac iam religionis antiquae non solum virtutem amisimus, sed nec speciem retinemus. Ecce enim ipse habitus noster, quod et dolens dico, qui humilitatis esse solebat insigne, a monachis nostri temporis in signum gestatur superbiae. Vix iam in nostris provinciis invenimus, quo vestiri dignemur. Miles et monachus ex eodem panno partiuntur sibi cucullam et chlamydem. Quivis de saeculo, quantumlibet honoratus, etiam si Rex, etiam si Imperator ille fuerit, non tamen nostra horrebit indumenta, si suo sibi modo praeparata fuerint et aptata.

26. "Ceterum in habitu", inquis, "non est religio, sed in corde." Bene. At tu quando cucullam empturus lustras urbes, fora circuis, percurris nundinas, domos scrutaris negotiatorum, cunctam evertis singulorum suppellectilem, ingentes explicas cumulos pannorum, atrectas digitis, admoves oculis, solis opponis radio, quidquid grossum, quidquid pallidum occurrerit, respuis;

quanto a roupas, o que cobrisse a nudez e afastasse o frio. Julgas que lá se davam a vestir roupas de galabruno ou isembruno<sup>7</sup>, que se aparelhava a cada um uma mula de duzentos soldos? Julgas, digo, que lá, onde “se dava a cada um segundo as suas necessidades”, cada qual cobria o seu catre com cobertores de peles de gato<sup>8</sup> ou de barregana<sup>9</sup> de duas cores? Julgo que não se preocupavam muito com a preciosidade, a cor, a qualidade das roupas lá onde havia um cuidado incansável na harmonia dos costumes, na coesão dos corações e no progresso das virtudes: “a multidão dos crentes tinha um só coração e uma só alma” (Act. 4, 32).

**25** — Onde encontrar agora aquele exercício da unanimidade? Andamos dispersos em exterioridades, deixando os bens verdadeiros e eternos do Reino de Deus que está dentro de nós (Lc. 17, 21), procuramos por fora a vã consolação das vaidades e loucuras falsas e perdemos não só a virtude da antiga religião como nem sequer conservamos a aparência dela. Eis que até o nosso próprio hábito que, digo-o com pesar, costumava ser um sinal de humildade, trazem-no os monges do nosso tempo como sinal de orgulho. Dificilmente já nas nossas províncias encontramos com que nos dignemos vestir. O cavaleiro e o monge repartem do mesmo pano para fazer a cogula e a capa. Qualquer pessoa deste mundo, mesmo honrada, seja rei ou seja até imperador, não se envergonhará das nossas roupas se, à maneira, deles lhes forem preparadas e adaptadas.

**26** — Dizes que “a religião não está no hábito mas no coração”. Bem! Mas tu, quando vais comprar a cogula, percorres cidades, observas os mercados, corres as feiras, procuras nas casas de negócios, examinas todo o seu material, desdobras montes de panos, apalpas com os dedos, aproxima-los dos olhos, indagas aos raios do sol, rejeitas tudo o que for grosseiro, tudo o

<sup>7</sup> Foi Pedro Venerável quem determinou que os monges cluniacenses não se vestissem de *Galabruno* e de *Isebruno* (*Estatutos*, XVI). *Galabruno* e *Isebruno* são tecidos de seda acastanhada ou com mais cores, normalmente usados pelas pessoas do mundo.

<sup>8</sup> *Gato* é aqui referência ao gato bravo. Era da Espanha que se importavam cobertores feitos de peles de gatos bravos. Parece que os cluniacenses preferiam esses cobertores aos da França, mas Pedro Venerável ainda permitiu que se usassem cobertores de pele de visão e de furão (*Estatutos*, XVII).

<sup>9</sup> *Barregana* era um tecido de lã de muita dura e de várias cores, que tirava o seu nome precisamente de *barria*, isto é, das tiras variegadas com que se fazia a peça; também este tecido havia de ser proibido (*Estatutos*, XVII).

si quid autem sui puritate ac nitore placuerit, illud mox quantolibet pretio satagis tibi retinere: rogo te, ex corde facis hoc, an simpliciter? Cum denique contra Regulam, non quod vilius occurrerit, sed studiosissime quaeris quod, quia rarius invenitur, pretiosius emitur, ignorans facis hoc, an ex industria? Ex cordis thesauro sine dubio procedit quidquid foris apparet vitiorum. Vanum cor vanitatis notam ingerit corpori, et exterior superfluitas interioris vanitatis indicium est. Mollia indumenta animi molliem indicant. Non tanto curaretur corporis cultus, nisi prius neglecta fuisset mens inculta virtutibus.

## DE INCURIA PRAELATORUM

**XI. 27.** Miror autem cum Regula dicat ad magistrum respicere quidquid a discipulis delinquitur, et Dominus per Prophetam sanguinem in peccato morientium de manu pastorum requirendum esse minetur, quomodo abbates nostri talia fieri patiantur, nisi forte, si audeam dicere, nemo fidenter reprehendit, in quo se esse irreprehensibilem non confidit. Siquidem humanitatis est omnium, in quo sibi quisque indulget, aliis non vehementer irasci. Dicam, dicam; praesumptuosus dicar, sed verum dicam. Quomodo lux mundi obtenebrata est? Quomodo sal terrae infatuatum est? Quorum nobis vita via vitae debuit esse, dum exemplum in suis actibus ostendunt superbiae, caeci facti sunt duces caecorum.

## DE FASTU EQUITANDI

Quod enim, ut cetera taceam, specimen humilitatis est, cum tanta pompa et equitatu incedere, tantis hominum crinitorum stipari obsequiis quatenus duobus episcopis unius abbatis sufficiat multitudo? Mentior, si non

que for desbotado. Se alguma coisa te agrada pela sua pureza e brilho, logo o reservas para ti, qualquer que seja o seu preço. Pergunto-te: fazes isso intencionalmente ou por distração? Quando, enfim, contra a Regra, compras não o que ocorre de mais vil, mas o que com toda a preocupação procuras, porque mais raramente se encontra, mais caro se vende, fazes isso por ignorância ou de propósito? Procede, sem dúvida, do tesouro do coração (Lc. 6, 45) o que de vicioso aparece no exterior. Um coração vazio imprime no corpo a nota da vaidade e a superficialidade exterior é indício da vaidade interior (Sl. 5, 1). As roupas finas indicam a moleza do espírito. Não se tomaria tanto cuidado do corpo se antes não se tivesse deixado de cultivar as virtudes do espírito.

### Da incúria dos prelados

**XI. 27** — Dizendo a Regra<sup>10</sup> que são da responsabilidade do mestre as faltas dos discípulos, e ameaçando o Senhor, pelo Profeta (Ez. 3, 18), que se há-de pedir contas aos pastores pelo sangue dos que morrem em pecado, espanto-me que os nossos abades permitam que tais coisas se façam, a não ser que, para ousar dizê-lo, ninguém se atreva a repreender aquilo em que não se sente irrepreensível. É, na verdade, muito humano que aquilo que cada um perdoa a si mesmo não o leve a indignar-se veementemente contra outros. Como escureceu a luz do mundo? Como perdeu sabor o sal da terra (Mt. 5, 13-14)? Aqueles cuja vida devia ser para nós caminho de vida (Sl. 15 (16), 11) tornaram-se cegos a guiar cegos (Mt. 15, 14), mostrando nos seus actos exemplo de orgulho.

### Do fausto das cavalgadas

Que espécie de humildade é, para calar o resto, avançar com uma cavalgada tão pomposa, ser rodeado de tantos obséquios de homens de penacho, a ponto de, para dois bispos bastar o séquito dum só abade? Minto se não

---

<sup>10</sup> S. BENTO — *Regra dos Monges*, Cap. 36,10.

vidi abbatem sexaginta equos, et eo amplius, in suo ducere comitatu. Dicas, si videas transeuntes, non patres esse monasteriorum, sed dominos castellorum, non rectores animarum, sed principes provinciarum. Tum deinde gestari iubentur mappulae, scyphi, bacini, candelabro, et manticae suffarcinatae, non stramentis, sed ornamentas lectulorum. Vix denique quatuor leucis a sua quispiam domo recedit, nisi cum tota suppellectili sua, tamquam sit vel iturus ad exercitem, vel transiturus per desertum, ubi non valeant inveniri necessaria. Annon posset eodem vasculo et aqua manibus vergi, et vinum bibi? Annon posset ardens lucere lucerna, nisi in tuo quod portas candelabro, et hoc aureo vel argenteo? Annon posset dormiri, nisi super varium stratum aut sub peregrino coopertorio? Annon unus aliquis minister posset et iumentum ligare, et ad mensam servire, et lectulum praeparare? Nunc ergo tantae multitudini garsionum ac iumentorum, cur, vel ad solatium mali, nobiscum necessaria non ferimus, quatenus hospites non gravemus?

#### DE PICTURIS ET SCULPTURIS, AURO ET ARGENTO IN MONASTERIIS

**XII. 28.** Sed haec parva sunt; veniam ad maiora, sed ideo visa minora, quia usitatiora. Omitto oratoriorum immensas altitudines, immoderatas longitudoines, supervacuas latitudines, sumptuosas depolitiones, curiosas depictiones, quae dum in se orantium retorquem aspectum, impediunt et affectum, et mihi quodammodo repraesentant antiquum ritum Iudaeorum. Sed esto, fiant haec ad honorem Dei. Illud autem interrogo monachus monachos, quod in gentilibus gentilis arguebat: DICITE, ait ille, PONTIFICES, IN SANCTO QUID FACIT AURUM?

Ego autem dico: "Dicite pauperes",— non enim attendo versum, sed sensum —, "dicite", inquam, "pauperes, si tamen pauperes, in sancto

vi um abade levar no seu séquito sessenta cavalos e até mais <sup>11</sup>. Ao vê-los passar, dirias que não eram pais de mosteiros mas senhores de castelos, que não eram directores de almas mas governadores de províncias. Mandam-se, nessa altura, levar toalhas, jarros, bacias, candelabros e sacos cheios de bagagens, não de mantas mas de ornamentos de camas. Apenas se afastam quatro léguas da sua casa, logo levam consigo todos os seus utensílios, como se tivessem de ir para o exército ou a passar o deserto onde não se pudesse encontrar o necessário. Não se poderia, porventura, com o mesmo vaso deitar água às mãos e beber vinho? Não poderia uma lucerna ardente brilhar senão no candelabro (Jo 5, 35) que tu levas e este de ouro ou prata? Não se poderia dormir senão sobre leito de várias cores ou sob um cobertor exótico? Não poderia um qualquer criado atrelar o jumento, servir à mesa e preparar a cama? Então, porquê tão grande multidão de moços e de jumentos ou porque é que para alívio do mal não levamos connosco as coisas necessárias a fim de não nos tornarmos pesados aos hospedeiros?

### Das pinturas e esculturas, do ouro e da prata nos mosteiros

**XII. 28** — Mas isto são coisas pequenas; passo então a coisas maiores, que parecem menores porque mais usuais. Deixo de lado as enormes alturas dos oratórios, os comprimentos imensos, as larguras excessivas, as decorações sumptuosas, as pinturas bizarras que atraem para si olhar dos que aí rezam, impedem a concentração e que a mim, de certo modo, lembram o antigo rito dos judeus. Mas seja, também isto se faz para glória de Deus. Como monge, interrogo os monges acerca disto que, entre os gentios, um gentio acusava, dizendo: “Dizei-me, pontífices, que faz o ouro no santuário” <sup>12</sup>?

Pois eu digo: “Dizei pobres, — não atendo ao verso mas ao sentido —, dizei, repito, pobres, se é que sois pobres, que faz o ouro no santuário?” E,

<sup>11</sup> Neste passo, S. Bernardo tem, por certo, em mira o aparato do abade Sugério, quando ministro do rei de França, Luis VII, e a isso se refere na *Epístola* 78, 3: “Te, inquam, mutato, mox omnis tumultus concideret, quiesceret strepitus. Solumque ac totum erat quod movebat, tuus ille scilicet habitus et apparatus cum procederes, quod paulo insolentior appareret”, “PL”, 182, 191-199.

<sup>12</sup> PÉRSIO — *Sátiras*, II, 69.

quid facit aurum? Et quidem alia causa est episcoporum, alia monachorum. Scimus namque quod illi, sapientibus et insipientibus debitores cum sint, carnalis populi devotionem, quia spiritualibus non possunt, corporalibus excitant ornamentis. Nos vero qui iam de populo exivimus, qui mundi quaeque pretiosa ac speciosa pro Christo reliquimus, qui omnia pulchre lucentia, canore mulcentia, suave olentia, dulce sapientia, tactu placentia, cuncta denique oblectamenta corporea arbitrati sumus ut stercorea, ut Christum lucrifaciamus, quorum, quaeso, in his devotionem excitare intendimus? Quem, inquam, ex his fructum requirimus: stultorum admirationem, an simplicium oblationem? An quoniam commixti sumus inter gentes, forte didicimus opera eorum, et servimus adhuc sculptilibus eorum?

Et ut aperte loquar, an hoc totum facit avaritia, quae est idolorum servitus, et non requirimus fructum, sed datum? Si quaeris: <Quomodo?> "Miro", inquam, "modo". Tali quadam arte spargitur aes, ut multiplicetur. Expenditur ut augeatur, et effusio copiam parit. Ipso quippe visu sumptuosarum, sed mirandarum vanitatum, accenduntur homines magis ad offerendum quam ad orandum. Sic opes opibus hauriuntur, sic pecunia pecuniam trahit, quia nescio quo pacto, ubi amplius divitiarum cernitur, ibi offertur libentius. Auro tectis reliquiis signantur oculi, et loculi aperiuntur. Ostenditur pulcherrima forma Sancti vel Sanctae alicuius, et eo creditur sanctior, quo coloratior. Currunt homines ad osculandum, invitantur ad donandum, et magis mirantur pulchra, quam venerantur sacra. Ponuntur dehinc in ecclesia gemmatae, non coronae, sed rotae, circumsaeptae lampadibus, sed non minus fulgentes insertis lapidibus. Cernimus et pro candelabris arbores quasdam erectas, multo aeris pondere, miro artificis opere fabricatas, nec magis coruscantes superpositis lucernis quam suis gemmis. Quid, putas, in his omnibus quaeritur? Paenitentium compunctio, an intuentium admiratio? O vanitas vanitatum, sed non vanior quam insanior! Fulget ecclesia parietibus, et in

de facto, uma é a razão dos bispos, outra a dos monges. Sabemos, com efeito, que aqueles, sendo devedores a sábios e insensatos (Rom. 1, 14), promovem a devoção do povo carnal com adornos materiais por não poder com os espirituais. Nós, porém, que já nos saímos do povo, que, por Cristo, deixámos (Mt. 19, 27) as coisas preciosas e belas do mundo, todas as lindamente brilhantes, musicalmente embaladoras, suavemente inebriantes, docemente saborosas, agradáveis ao tacto, enfim, julgamos todos os prazeres do corpo como estrume para lucrarmos a Cristo (Fl. 3, 8), pergunto-vos a quem é que incitamos com elas a devoção? Que fruto disso pretendemos colher (Rom. 6, 21): a admiração dos insensatos ou a oferta dos simples? Acaso, porque andamos misturados com pagãos, aprendemos as obras deles e ainda prestamos culto às suas esculturas (Sl. 105 (106), 35-36)?

E, para falar abertamente, não é porventura a avareza que faz tudo isto, ela que é servidão dos ídolos (Ef.5 ,5; Cl.3, 5), e não procuramos o fruto mas a dádiva? Se perguntas: “Como? “De um modo espantoso”, respondo eu. Espalha-se o dinheiro com tal arte que se multiplique. Gasta-se para o fazer crescer e a liberalidade gera a abundância. Á vista das coisas sumptuosas, admirando vaidades, os homens são levados mais a fazer ofertas que a rezar. Assim, as riquezas fazem aparecer riquezas, assim o dinheiro atrai dinheiro, porque, não sei como isso acontece, onde se vêm mais riquezas aí, de bom grado, se oferece mais. Impressionam-se os olhos com relíquias recamadas de ouro, e abrem-se as carteiras. Mostra-se uma belíssima imagem de algum santo ou santa e julga-se que é tanto mais santo quanto mais colorida. As pessoas correm a beijar, convidam-se a dar esmola e admira-se mais a beleza do que se venera a sacralidade. Suspendem-se, depois, na igreja não coroas mas rodas cobertas de pedras preciosas, cercadas de lâmpadas mas não menos brilhantes com as pedras incrustadas. Em vez de candelabros, vemos como que árvores levantadas, com muito peso de metal, fabricadas com arte admirável, não mais brilhantes com as velas que lhes são sobrepostas que com as suas pedras preciosas<sup>13</sup>. Que julgas procurar-se com tudo isso? A compunção dos penitentes ou a admiração dos visitantes? Oh! vaidade das vaidades (Ecl. 1, 2), mais insensata que vã! A igreja rebrilha nas suas paredes mas pas-

---

<sup>13</sup> Há aqui uma evidente alusão ao grande candelabro oferecido em 1109 pela rainha Matilde para a igreja de Cluny e colocado diante do altar-mor.

pauperibus eget. Suos lapides induit auro, et suos filios nudos deserit. De sumptibus egenorum servitur oculis divitum. Inveniunt curiosi quo delectentur, et non inveniunt miseri quo sustententur. Ut quid saltem Sanctorum imagines non reveremur, quibus utique ipsum, quod pedibus conculcatur, scatet pavementem? Saepe spuitur in ore Angeli, saepe alicuius Sanctorum facies calcibus tunditur transeuntium. Et si non sacris imaginibus, cur vel non par-citur Pulchris coloribus? Cur decoras quod mox foedandum est? Cur depin-gis quod necesse est conculcari? Quid ibi valent venustae formae, ubi pul-vere maculantur assiduo? Denique quid haec ad pauperes, ad monachos, ad spirituales viros? Nisi forte et hic adversus memoratum iam Poetae versicu-lum propheticus ille respondeatur: DOMINE, DILEXI DECOREM DOMUS TUAE ET LOCUM HABITATIONIS GLORIAE TUAE. Assentio: patiamur et haec fieri in ecclesia, quia etsi noxia sunt vanis et avaris, non tamen simplicibus et devotis.

29. Ceterum in claustris, coram legentibus fratribus, quid facit illa ridu-cula monstruositas, mira quaedam deformis formositas ac formosa deformi-tas? Quid ibi immundae simiae? Quid feri leones? Quid monstruosa centauri? Quid semihomines? Quid maculosae tigrides? Quid milites pugnantes? Quid venatores tubicinantes? Videas sub uno capite multa corpora et rursus in uno corpore capita multa. Cernitur hinc in quadrupede cauda serpentis, illinc in pisce caput quadrupedis. Ibi bestia praefert equum, capram trahens retro dimidiam; hic cornutum animal equum gestat posterius. Tam multa denique, tamque mira diversarum formarum apparet ubique varietas, ut magis legere libeat in marmoribus, quam in codicibus, totumque diem occupare singula ista mirando, quam in lege Dei meditando. Proh Deo! si non pudet ineptia-rum, cur vel non piget expensarum?

30. Multa quidem et alia suggerebat addenda larga materia; sed avellit me et propria satis anxia occupatio, et tua, frater Ogere, nimis festina dis-cessio, qui videlicet nec morari diutius acquiescis, nec abire tamen vis abs-que recenti opusculo. Facio itaque quod vis: et te dimitto, et sermonem bre-

sam necessidade os pobres. Reveste de ouro as suas pedras e deixa nús os seus filhos. Com os bens dos pobres serve-se aos olhares dos ricos. Os curiosos encontram com que deleitar-se e os miseráveis não encontram com que sustentar-se. Porque é que ao menos não veneramos as imagens dos santos dos quais está repleto até o pavimento que calcamos com nossos pés? Muitas vezes cospe-se na figura dum anjo, muitas vezes ferem a face dos santos os calcanhares dos transeuntes. E, se não se poupam as imagens sacras, porque não ao menos as belas cores? Porque decoras o que logo sujas? Porque pintas o que se deve calcar? Que valem aí essas bonitas imagens, onde tão frequentemente se enchem de pó? Por último, que vale isso para os pobres, para os monges, para a gente espiritual? A não ser que, aqui, contra o já lembrado verso do poeta, se responda com o versículo do profeta: “Senhor, eu amei a beleza da tua casa e o lugar onde habita a tua glória” (Sl. 25 (26). 8). De acordo; aceitemos que isso se faça na igreja porque, embora seja mau para os vaidosos e avarentos, não o é, todavia, para os simples e devotos.

29 — De resto, nos claustros, diante dos irmãos a fazer leituras, que faz aquela ridícula monstruosidade, aquela disforme beleza e bela disformidade? Para que estão lá aqueles imundos macacos? Para quê os leões ferozes? Para quê os centauros monstruosos? Para quê os semi-homens? Para quê os tigres às manchas? Para quê os soldados a combater? Para quê os caçadores a tocar trombeta? Vês uma cabeça com muitos corpos e um corpo com muitas cabeças. Daqui vê-se um quadrúpede com cauda de serpente, dali um peixe com cabeça de quadrúpede. Ali uma besta tem frente de cavalo e de cabra a parte de trás; acolá um animal cornudo tem traseiro de cavalo. Tão grande e tão admirável aparece por toda a parte a variedade das formas que mais apetece ler nos mármores que nos códices, gastar todo o dia a admirar estas coisas que a meditar na lei de Deus (Sl. 1, 2). Meu Deus! se a gente não se envergonha destas frivolidades, porque não tem pejo das despesas?

30 — Esta larga matéria sugeria ainda que acrescentasse muitas outras coisas, mas disso me afasta a minha constante ocupação e a tua partida apresada, frei Ogiério<sup>14</sup>, que nem consegues esperar mais tempo nem queres partir sem que este opúsculo esteja terminado. Faça, pois, o que queres: deixo-

---

<sup>14</sup> Ogiério era cónego regente do mosteiro de Monte de Santo Elói na diocese de Arras e, depois, cerca de 1125, tornou-se abade de S. Medardo de Tournai.

vio, praesertim quia utiliora sunt pauca in pace, quam multa cum scandalo. Et utinam haec pauca scripserim sine scandalo! Enimvero vitia carpens, scio me offendere vitiosos. Potest tamen fieri, volente Deo, aliquibus quos me timeo exasperasse, potius placitum esse, sed si desinant esse vitiosi: si videlicet et districtiores desinant esse detractores, et remissiores amputent superfluitates; si sic quisque bonum teneat quod tenet, ut alium aliud tenentem non iudicet si qui accepit iam esse bonus, non invideat melioribus, et qui sibi videtur agere melius, bonum non spernat alterius; si qui districtius vivere possunt, eos qui non possunt nec aspernentur, nec aemulentur, et qui non possunt, eos qui possunt sic mirentur, ut temere non imitentur. Sicut enim non licet his, qui maius aliquid forte voverunt, ad id quod minus est descendere, ne apostatentur, sic non omnibus expedit de bonis minoribus ad maiora transire, ne praccipitentur.

DE MONACHIS EX ALIIS ORDINIBUS ET MONASTERIIS  
AD NOS VENIENTIBUS ET POSTEA RECEDENTIBUS

**31.** Scio quippe nonnullos de aliis et congregationibus et institutionibus ad nostrum Ordinem pervolasse, pulsasse, intrasse, qui hoc quidem agendo, et suis scandala reliquerunt, et nobis nihilominus attulerunt, dum quantum illos sua temeraria discessione, tantum nos turbarunt sua misera conversatione. Et quoniam superbe spreverunt quod tenebant et temere praesumpserunt quod non valebant, digno Deus exitu eorum tandem patefecit ignaviam, quia et impudenter deseruerunt quod imprudenter arripuerant, et turpiter redierunt ad id quod leviter deseruerant. Cum enim claustra nostra sui potius Ordinis impatientia quam desiderio nostri expetierint, ostendunt quod sunt, dum a vobis ad nos, a nobis ad vos instabili levitate pervolantes, et nobis, et vobis, et omnibus bonis scandalum faciunt. Quamquam ergo nonnullos eorum noverimus, qui et fortiter, Deo auctore, coeperunt et, ipso protectores fortius perseverant, securius est tamen ut perseveremus in bono quod coepimus, quam quod incipiamus ubi non perseveremus, et hoc pariter omnes studea-

te partir e abrevio a conversa, uma vez que mais vale pouco em paz que muito com escândalo. E oxalá que este pouco tivesse eu escrito sem escândalo! Contudo, lamentando os vícios, sei que ofendo os viciosos. Pode todavia acontecer, se Deus o permitir, que, a alguns a quem julgo ter exasperado, acabe por agradar, se deixarem de ser viciosos, isto é, se os de observância mais estrita deixarem de ser detractores e os mais relaxados cortarem com as suas superfluidades. Assim, cada um tenha o bem que tem e não julgue o que tem outro; se alguém já aceitou ser bom não inveje os que são melhores, e aquele que julgue agir melhor não despreze os que agem bem (Rom. 14, 3). Se alguém julga poder viver com mais rigor não despreze os que não podem nem lhes faça emulação, e os que não podem admirem de tal modo os que podem que os não imitem temerariamente. Assim como não é lícito que os que fizeram voto de mais alto desçam ao mais baixo a fim de não apostatarem, assim também nem a todos convém passar dos bens menores para os maiores, a fim de não se despenharem.

### **Dos monges que vêm para nós de outras ordens e mosteiros e depois se afastam**

**31** — Sei que não poucos de outras congregações e institutos voaram para a nossa Ordem, bateram à porta, entraram, e, fazendo isso, deram escândalo aos seus e trouxeram-nos até nós; perturbando-os a eles tanto com o seu temerário afastamento, como a nós com a sua lamentável conversão. Porque orgulhosamente deixaram o que tinham e com temeridade ousaram tomar o que não podiam, Deus demonstrou, por fim, com uma digna saída, a sua cobardia; é que, sem vergonha, abandonaram o que de maneira imprudente tinham agarrado (II Mc. 9, 2) e, de modo indecente, voltaram para o que levemente tinham abandonado. Tendo, de facto, procurado os nossos claustros antes por não suportarem a sua Ordem que pelo desejo da nossa, mostram o que são, voando com instável leveza de vós para nós e de nós para vós, e a vós, a nós e a todos os bons dão motivo de escândalo. Portanto, embora tenhamos conhecido alguns deles, que, se calhar, por graça de Deus, começaram e, com sua protecção, firmemente perseveraram, é mais seguro perseverar no bem que começámos a começar onde não perseveremos; por isso,

mus, quo, secundum Apostoli consilium, omnia nostra in caritate fiant. Haec est nostra de vestro et nostro Ordine sententia; haec nostris, haec non de vobis, sed vobis me solere dicere, nullus melius mihi testis erit quam vos, et si quis me novit sicut vos. Quae in vestris laudabilia sunt, laudo et praedico; si quae reprehendenda sunt, ut emendentur, vobis et aliis amicis meis suadere soleo. Hoc non est detractio, sed attractio. Quod ut nobis a vobis semper fiat, omnino precor et supplico. Valet.

procuremos todos que, conforme o conselho do Apóstolo, “todas as nossas coisas se façam em caridade” (I Cor. 16, 14). Esta é a minha opinião acerca da vossa e nossa Ordem; é isto o que eu costumo dizer aos nossos; é isto o que costumo dizer a vós, não de vós; ninguém disso me é melhor testemunha do que vós e quem me conheça como vós. O que nos vossos é louvável, isso louvo e proclamo; se algo é digno de repreensão, para que se emende, costumo persuadi-lo a vós e a outros amigos meus. Isto não é detracção mas atracção. Que também isso nos façais, é o que eu peço e suplico. Adeus!”

## TEXTOS PARALELOS E COMPLEMENTARES DE OUTROS AUTORES

AELREDUS RIEVALLENSIS – *Speculum caritatis*, Liber I, Cap. XXIII  
(PL, t. 195, col. 571)

Caput XXIII: *De nova aurium voluptate*  
(Sobre a música, o canto e o órgão)

... de his nunc sermo sit, qui sub specie religionis negotium voluptatis obpalliant: qui ea, quae antiqui patres in typis futurorum salubriter exercebant, in usum suae vanitatis usurpant. Unde, quaeso, cessantibus jam typis et figuris, unde in Ecclesia tot organa, tot cymbala? Ad quid, rogo, terribilis ille follium flatus, tonitruum potius fragorem, quam vocis exprimens suavitatem? Ad quid illa vocis contractio et infractio? Hic succinit, ille discinit; alter medias quasdam notas dividit et incidit. Nunc vox stringitur, nunc frangitur, nunc impingitur, nunc diffusiori sonitu dilatatur. Aliquando, quod pudet dicere, in equitos hinnitus cogitur; aliquando virili vigore deposito, in femineae vocis gracilitates acuitur, nonnunquam artificiosa quadam circumvolutione torquetur et retorquetur. Videas aliquando hominem aperto ore quasi intercluso halitu expirare, non cantare, ac ridiculosa quadam vocis interceptione quasi minitari silentium; nunc agones morientium, vel extasim patientium imitari. Interim histrionicis quibusdam gestibus totum corpus agitur, torquentur labia, rotant, ludunt humeri; et ad singulas quasque notas digitorum flexus respondet. Et haec ridiculosa dissolutas vocatur religio; et ubi haec frequentius agitantur, ibi Deo honorabilius serviri clamatur. Stans interea vulgus sonitum follium, crepitum cymballorum, harmoniam fistularum tremens attonitusque miratur; sed lascivas cantantium gesticulationes, meretricias vocum alternationes et infractiones non sine cachinno risuque intuetur, ut eos non ad oratorium, sed ad theatrum, nec ad orandum, sed spectandum aestimes convenisse. Nec timetur illa tremenda majestas, cui assistitur, nec defertur mystico illi praesepio, cui ministratur, ubi Christus mystice pannis involvitur, ubi sacratissimus ejus sanguis calice liberatur, ubi aperiuntur caeli; assistunt angeli; ubi terrena caelestibus jungantur; ubi angelis homines sociantur. Sic quod sancti Patres instituerunt, ut infirmi exci-

tarentur ad affectum pietatis, in usum assumitur illicitae voluptatis. Non enim sensui praeferendus est sonus: sed sonus cum sensu ad incitamentum majoris affectus plerumque admittendus. Ideoque talis debet esse sonus, tam moderatus, tam gravis, ut non totum animum ad sui rapiat oblectationem, sed sensui majorem relinquat portionem. Ait nempe beatissimus Augustinus (*Lib. X Confess. c. 33*): "Movetur animus ad affectum pietatis divino cantico audito: sed si magis sonum quam sensum libido audiendi desideret, improbatur". Et alias: "Cum me, inquit, magis cantus quam verba delectant, paenaliter me peccasse confiteor, et malle non audire cantantes". Cum igitur aliquis, spreta ridiculosa illa et damnosa vanitate, antiquae Patrum moderationi sese contulerit, si ad memoriam nugarum theatricarum prurientibus auribus immane fastidium gravitas honesta contulerit; sicque totam Patrum sanctitatem quasi rusticitatem contemnat ac judicet; modo cantandi, quem Spiritus Sanctus per sanctissimos Patres quasi per organa sua, Augustinum videlicet, Ambrosium, maximeque Gregorium, instituit; Hiberas, ut dicitur, naenias, vel nescio quorum scholasticorum nugas vanissimas anteponebat. Si ergo hinc crucietur, hinc doleat, hinc ad ea quae evomerat, anius anhelet: quae rogo hujus laboris origo, jugum charitatis, an onus concupiscentiae mundialis?

*Caput XXIV: De concupiscentia oculorum in curiositate sita, quae ad viam perfectiorem conversos affigit.*

... Ergo ad exteriorem pertinet curiositatem omnis superflua pulchritudo, quam amant oculi in variis formis, in nitidis et amaenis coloribus, in diversis opificibus, in vestibus, calceamentis, vasis, picturis, sculpturis, diversisque figmentis, usum necessarium et moderatum transgredientibus; quae omnia amatores mundi ad illecebras expectant oculorum; foras sequentes quod faciunt, intus relinquentes a quo facti sunt, et exterminantes quod facti sunt. Inde etiam in claustris monachorum grues et lepores, damulae et cervi, picae et corvi: non quidem Antoniana et Machariana instrumenta, sed muliebria oblectamenta: quae omnia nequaquam monachorum paupertati consulunt, sed curiosorum oculos pascunt. Si quis ergo paupertatem Jesu, his oculorum illecebris praeferens, infra metas necessitatis sese recluserit, et pro superflua illa aedificiorum amplitudine, ac supervacua altitudine, pauperum quorundam fratrum cubilia expetierit, cum forte ingrediens oratorium imposito constructum lapide, nihil pictum, nihil sculptum, nihil occurrerit pretiosum, non marmora strata tapetibus, non vestiti parietes ostro, historias gentium, pugnas regum, vel cerete scripturarum seriem praeferentes, non ille cereorum attonitus fulgor, non in diversis utensilibus radiantis metalli splendor, cum ergo nihil horum occurrerit intuenti, si incipiant ei cuncta sordere quae cernit, ac se quodam paradiso excussum, ac carcerali quodam squalore, queratur immersum, unde haec mentis angustia, unde totus hic labor? ... Si, inquam, interiori cervice jugo divinae dilectionis supposito, ibi intus Jesus ille dulcis dulciter sapsisset,

multumne, quaeso, gloriolas has exteriores affectasset? ... Inde est etiam quod cum tota die inanibus spectaculis dediti, vel rumoribus audiendis intenti a nobis quodam modo exicrimus, revertentes iterum ad nos, vanitatum imagines introducimus, et cor plenum simulacris ad locum quoque quietis nostrae ferentes, pro ineptissima vanitate noctes ducimus insomnes; regum praelia, victorias ducum, quasi sub oculis stultissima praesumptione depingimus, omniaque regni negotia in ipsa psalmodia vem orationibus nostris otiosis discursibus ordinamus...”

*Sermo 24, § 1, Lin. 4*

(“*Sources Chrétiennes*”, vol. 207: Sobre o trabalho manual):

“Ecce succedentes nobis novale ne super spinas seminemus, sudore defluimus, urente nos desuper sole fere meridiano. Itaque ob terrenum semen nimis fatigati, sub patulae, quam cernitis, ilicis tegmine paulisque reclinemus,<sup>15</sup> ubi etiam non sine interno quodam sudore divina nobis Verbi semen excutiamus, molamus, conspergamus, coquamus, edamus ne ieiunii et fatigati deficiamus”.

**SUGERIUS ABBAS S. DIONYSII** – *Liber de rebus in administratione sua gestis*  
(PL, t. 186, 1211-1240)  
1145-149

Caput XXVII: *De portis fusilibus et deauratis.*

“Valvas siquidem principales, accitis fusoribus et electis sculptoribus, in quibus passio Salvatoris et Resurrectio, vel Ascensio continetur, multis expensis, multo sumptu in earum deauratione, ut nobili porticui conveniebat, ereximus. Necnon et alias in dextera parte novas, in sinistra vero antiquas sub musivo, quod et novum contra usum hic fieri, et in arcu portae imprimi elaboravimus. Turrim etiam et superiora frontis propugnacula tam ad ecclesiae decorem, quam et utilitatem, si opportunitas exigeret, variari condiximus, litteris etiam cupro deauratis, consecrationis annum intitulari, ne oblivioni traderetur, praecepimus hoc modo:

*Ad decus Ecclesiae, quae fovit et extulit illum,  
Sugerus studuit ad decus Ecclesiae.  
Deque tuo tibi participans martyr Dionysi,  
Orat ut exores fore participem paradisi.  
Annus millenus et centenus quadragenus,  
Annus erat Verbi quando sacrata fuit.*

<sup>15</sup> Neste passo descobre-se uma clara referência ao tópico de Vergílio na *Écloga II*: *Tu patulae recubans sub tegmine fagi*. Aqui está um belo tópico classicizante.

Versus etiam portarum hi sunt:

*Portarum quisquis attollere quaeris honorem.  
Aurum nec sumptus, operis mirare laborem.  
Nobile claret opus, sed opus quod nobile claret,  
Clarificet mentes ut eant per lumina vera  
Ad verum lumen, ubi Christus janua vera  
Quale sit intus in his determinat aurea porta.  
Mens hebes ad verum per materialia surgit,  
Et demersa prius hac visaluce resurgit.*

et in superliminari:

*Suscipe vota tui iudex districte Sugerii  
Inter ovas proprias fac me clementer haberi”.*

#### Caput XXVIII: *De augmento superioris partis.*

“Eodem vero anno tam sancto et tam fausto opere exhilarati, ad inchoandam in superiori partae divinae propitiationis cameram, in qua jugis et frequens redemptionis nostrae hostia absque turbarum molestia secreto immolari debeat, acceleravimus. Et quemadmodum in scripto consecrationis ejusdem superioris operis invenitur, Deo cooperante, et nos et nostar prosperante, cum fratribus et conservis nostris tam sanctum, tam gloriosum, tam famosum opus ad bonum perducere finem misericorditer obtinere meruimus: tanto Deo sanctisque martyribus obnoxii, quanto nostris temporibus et laboribus tam diu differendo agenda reservavit. Quis enim ego sum, aut quae domus patris mei, qui tam nobile, tam gratum aedificium vel inchoasse praesumpserim, vel perfecisse speraverim; nisi divinae misericordiae, et sanctorum auxilio martyrum fretus, totum me eidem operi et mente et corpore applicuissem! Verum qui dedit velle, dedit et posse: et quia bonum opus fuit in voluntate, ex Dei adiutorio stetit in perfectione. Quod quidem gloriosum opus quantum divina manus in talibus operosa protexerit, certum est etiam augmentum, quod in tribus annis et tribus mensibus totum illud magnificum opus, et in inferiori crypta, et in superiore voltarum sublimitate, tot arcuum et columnarum distinctione variatum, etiam operaturae integrum supplementum admiserit ... (*Epitáfio*). Promptus igitur urgere successos meo, cum nihil mallet sub caelo quam prosequi matris Ecclesiae honorem, quae puero materno affectu lactaverat, juvenem offendentem sustinuerat, aetate integrum patenter roboraverat, inter Ecclesiae et regni principes solemiter locaverat, ad executionem operis nos ipsos contulimus, et cruces collaterales ecclesiae ad formam prioris et posterioris operis jungendi, attolli et accumulari decertavimus.

*Caput XXXI: De tabula aurea superiori*

“In tabula illa quae sacratissimum corpus ejus assistit, circiter XLII marcas auri posuisse nos aestimamus. Gemmarum pretiosarum multiplicem copiam, hyacinthorum, rebutorum, saphirorum, smaragdinum, topaziorum, necnon et opus discriminantium unionum, quantam nos reperire nunquam praesumpsimus. Videres reges et principes, multosque viros praecelsos, imitatione nostra digitos manuum suarum exannulare, et annulorum aurum, et gemmas, margaritasque pretiosas ob amorem sanctorum martyrum eidem tabulae infigi praecipere. Nec minus etiam archiepiscopi et episcopi ipsos suae desponsationis annulos ibidem sub tuto reponentes, Deo et sanctis ejus devotissime offerebant. Venditorum etiam gemmariorum tanta de diversis regnis et nationibus ad nos turba confluebat, ut non plus emere quaereremus, quam illi vendere sub administratione omnium festinarent. Versus etiam ejusdem tabulae hi sunt:

*Magne Dionysi, portas aperi Paradisi,  
Suggeriumque piis protege praesidiis.  
Quique novam cameram per nos tibi constitui.  
In camera caeli nos facias recipi,  
Et pro praesenti caeli mensa satiari,  
Significata magis significante placent.*

***Libellus de consecratione ecclesiae sancti Dionysii***

1144, (“PL”, T. 186, 1239-1254). *Este relato da Consagração da igreja de S. Dinis abre com uma espécie de prefácio, que é um verdadeiro tratado espiritual sobre a dimensão simbólica da arte.*

“... salubriter exhauriunt, spiritualia corporalibus, aeterna deficientibus praepo-  
nentes: corporeae sensualitatis exteriorum sensuum molestias et gravissimas angarias  
postponunt ab earum oppressione seipsos sublevantes, solidissimam mentis aciem in  
spem aeternae infigentes remunerationis, aeternitati tantum studiose obsequuntur; car-  
nalia desideria in admirationem et spectaculum aliorum obliviscuntur...”